



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
POLO DE COLARES/PARFOR
FACULDADE DE PEDAGOGIA**

LAURIMAR CABRAL FERREIRA DE SOUZA

**AS NARRATIVAS E MEMÓRIAS SOBRE O CHUPA-CHUPA EM
COLARES E PRÁTICAS EDUCATIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA
NAS SÉRIES INICIAIS.**

COLARES

2017

LAURIMAR CABRAL FERREIRA DE SOUZA

**AS NARRATIVAS E MEMÓRIAS SOBRE O CHUPA-CHUPA EM
COLARES E PRÁTICAS EDUCATIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA
NAS SÉRIES INICIAIS.**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Federal do Pará, como
requisito parcial para obtenção do grau
de Pedagoga.**

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Bandeira

COLARES

2017

LAURIMAR CABRAL FERREIRA DE SOUZA

**AS NARRATIVAS E MEMÓRIAS SOBRE O CHUPA-CHUPA EM
COLARES E PRÁTICAS EDUCATIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA
NAS SÉRIES INICIAIS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Pedagogia da Universidade Federal do
Pará, Campus de Castanhal, Polo de Colares,
como requisito parcial para obtenção do grau de
Pedagoga.

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Dr. Sérgio Bandeira do
Nascimento - UFPA**

ORIENTADOR

**Prof. Msc. Andrea da Silva Pastana
UEPA - Avaliadora**

**Prof. Msc. Wilza Maria Pinho Moraes
IFPA - Avaliadora**

A Deus.

A minha família, razão da minha vida.

Agradeço a meu orientador pela paciência e grandes ensinamentos.

Agradeço a meu esposo por todo apoio e amor; agradeço ainda aos amigos do grupo “Ufologia na Amazônia” que contribuíram bastante com minha pesquisa.

“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina. ”

Cora Coralina

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso traz uma abordagem investigativa sobre o fenômeno chupa-chupa, ocorrido na cidade de Colares-Pará na década de 1970 na perspectiva de cruzar essas memórias e potencializá-las como elemento incorporado a cultura do referido município e as suas possibilidades de uso para a valorização da história local e para o ensino de história nas séries iniciais do ensino fundamental. É um estudo de abordagem qualitativa e para tanto, foi utilizado como método de coleta de dados a entrevista com alguns moradores que vivenciaram a situação apresentada como as aparições das luzes do chupa-chupa que provocaram significativas mudanças no cotidiano da cidade de Colares e região. Através de estudo levantado outras fontes também foram utilizadas, tais como os jornais O LIBERAL e O ESTADO DO PARÁ, ambos periódicos conceituados que veicularam no ano de 1977 a notícia dos avistamentos de Óvnis, e ainda publicações da Revista UFO, especialista em Ufologia, do ano de 1997 que está disponível no sítio eletrônico da revista. A partir da análise dos dados foi possível perceber a importância das narrativas e da memória dos moradores sobre o caso em evidência e podem ser viabilizadas para o ensino de História local para os alunos das séries iniciais em Colares. Enfim, por meio de todo o estudo realizado e das sugestões pedagógicas apresentadas foi possível confirmar que o fenômeno chupa-chupa através das memórias e narrativas de moradores de Colares pode ser utilizado como elemento didático para a desenvoltura de um ensino dinâmico e contextualizado da história do lugar e da realidade presente do aluno que se esclarece a partir do conhecimento do passado.

Palavras-Chaves: História; Narrativa; Memória; Chupa-chupa; Operação Prato.

ABSTRACT

The present Work of Conclusion of Course presents an investigative approach on the phenomenon Chupa-Chupa, occurred in the city of Colares-Pará in the 1970's in the perspective of perceiving it as an element incorporated into the culture of said municipality and its potential for valorization Of local history and for the teaching of history in the series of elementary school. It is a study of qualitative approach and for that, it was used as method of data collection the interview with some residents who experienced the situation presented as the apparitions of the chupa-chupa lights that caused significant changes in the daily life of the city of Colares and region. Through a study that was carried out, other sources were also used, such as the newspapers LIBERAL and THE STATE OF PARÁ, both renowned periodicals that in 1977 reported the UFO sightings, as well as UFO Magazine, a specialist in Ufology, 1997 which is available on the magazine's website. From the analysis of the data it was possible to perceive the importance of the narratives and the memory of the residents on the case in evidence and can be made possible for the teaching of local History for the students of the elementary series in Colares. Finally, through all the study carried out and the pedagogical suggestions presented, it was possible to confirm that the Chupa-chupa phenomenon through the memories and narratives of Colares residents can be used as a didactic element for the development of a dynamic and contextualized teaching of the history of Place and the present reality of the student that is clarified from the knowledge of the past.

Keywords: History; Narrative; Memory; Chupa-chupa; Operation Prato.

LISTA DE SIGLAS

OVNI – OBJETO VOADOR NÃO IDENTIFICADO

ET - EXTRATERRESTRE

UFO - é *Unknown Flying Objects*; OBJETOS VOADORES DESCONHECIDOS

I COMAR – I COMANDO AÉREO

FAB – FORÇA AÉREA BRASILEIRA

PCN – PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ilha dos caranguejos - Maranhão	31
--	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1. PRODUZINDO HISTÓRIA E ENTRELACANDO MEMÓRIAS	16
1.1. O ENSINO DE HISTÓRIA: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS.....	16
1.2. A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO	21
1.3. FONTES DOCUMENTAIS E O USO DA MEMÓRIA.....	24
2 - O EMBATE DE NARRATIVAS SOBRE O FENÔMENO DO CHUPA-CHUPA EM COLARES-PARÁ.....	27
2.1 – NARRATIVAS EM FONTES JORNALISTICAS	27
2.2. NARRATIVAS DE MORADORES SOBRE O FATO OCORRIDO.....	33
2.3. OUTRAS NARRATIVAS: O PERIÓDICO SOBRE UFOLOGIA.....	38
3 – O CHUPA-CHUPA E O ENSINO DE HISTÓRIA NAS SERIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	44
3.1 - O ENSINO DE HISTÓRIA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	45
3.2 – OS PCN'S A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA LOCAL.....	50
3.3 – PRESCRIÇÕES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E A VALORIZAÇÃO DE HISTÓRIA LOCAL NO MUNICÍPIO DE COLARES.....	54
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62
ANEXOS	64
APÊNDICE.....	74

1. INTRODUÇÃO

Devido a dificuldade de uso da narrativa de vivências como documento que relata a formação e cultura de um povo como recurso presente no ensino de História nas séries iniciais essa pesquisa se justifica através da análise da importância da história local, memória e cultura como elemento formador do sujeito que nela está inserido e o incentivo da produção de narrativas orais sobre o caso do chupa-chupa no município de Colares/PA.

Busquei reunir dados/informações com o propósito de responder ao seguinte problema de pesquisa: como o chupa-chupa, fenômeno de supostas aparições de óvnis na Amazônia brasileira, pode ser potencializado enquanto elemento da cultura e da história local para o ensino da disciplina história nas series iniciais?

A dificuldade apontada pode ser resolvida com a análise da importância da história local, memória e cultura como elemento formador do sujeito que nela está inserido

O presente trabalho tem como objetivo geral investigar como o fenômeno chupa-chupa pode ser potencializado enquanto elemento da cultura para a valorização da história local e para o ensino de história nas series iniciais. Especificamente consiste em discutir algumas noções teórico-conceituais sobre o conhecimento histórico e suas possibilidades para o ensino; investigar as memórias de moradores de Colares sobre o fenômeno do chupa-chupa; compreender a importância das memórias de moradores para o processo de construção da história local e para o ensino de história nas series iniciais.

No decorrer de toda a trajetória da humanidade o homem busca conhecer-se a si mesmo e ao outro, busca compreender a trajetória de sua espécie em seus contextos histórico, sociais e culturais, busca melhorar as relações consigo mesmo e estabelecer uma relação dialógica com suas raízes. Nessa busca pelo conhecimento a disciplina de História seria o elo de ligação entre o sujeito e seus questionamentos.

Segundo (NASCIMENTO e MORAIS, 2013) a disciplina de História vem com a perspectiva de contribuir na construção da identidade sociocultural e possui ainda um caráter preparatório do indivíduo para exercer a sua cidadania, logo, o sujeito emergente de sua própria história é um sujeito instruído e apto a encarar as

diversidades culturais, respeitando a si mesmo e aos que com ele habitam em essa esfera dialógica que é a busca pelo conhecimento de si mesmo e do outro.

O processo de ensino e aprendizagem da disciplina de História esteve centrado na repetição e memorização (NASCIMENTO; MORAIS, 2013), tratando-se de um estudo onde o diálogo constitui-se entre o sujeito e a memória, no sentido de fatos decorados, e não um diálogo entre o sujeito e seus conhecimentos. Esse estudo sistêmico tende a assumir um perfil enfadonho e temporário, onde o sujeito aprende, pratica e depois descarta. O ensino de História não é esse processo com prazo de validade, ao invés disso, a disciplina de História é um ato contínuo, que possui um caráter formador, onde o sujeito aprende com suas relações e desenvolve um conhecimento que perdura e se aprimora no decorrer de sua existência.

Essa atmosfera cultural é cheia de pluralidades, de forma que o sujeito se constitui por meio dos contatos estabelecidos com as informações adquiridas pelo meio. Nessa perspectiva, compreendemos que o estudo de sua própria história contribui para uma aprendizagem eficaz e aprimora as relações com o outro. Compreende-se que o sujeito pode enriquecer seus conhecimentos históricos a partir do momento que busca aprender primeiro sobre si, no estudo da própria história como partícula de conhecimento maior, ele torna-se capaz de partir de um estudo de uma singularidade, seguindo para um estudo plural que representa a parte majoritária do conhecimento de onde está inserido. As narrativas surgem como elemento desse conhecimento afluyente das capacidades dialógicas do homem quanto ser histórico, pensante e falante.

O estudo da disciplina de História nas séries iniciais pode ser prazeroso e formativo. Neste contexto, fica claro que o diálogo sobre os fatos e fenômenos ocorridos dentro da realidade do aluno pode desenvolver um prazer pelo estudo da história. O mais preocupante, contudo, é constatar que esse diálogo pode não ser desenvolvido com frequência nas séries iniciais no município de Colares. Não é exagero afirmar que a história local muitas vezes cai em desuso e é importante que isso ocorra de forma diferente. Assim, surge a necessidade de trazer a rotina das escolas um estudo mais contextualizado, usando a narrativa como meio de ligação entre os educandos e os fatos ocorridos na cidade durante o fenômeno chupa-chupa.

O Fenômeno Chupa-Chupa, ocorrido no Município de Colares na década de 70, foi um grande acontecimento que marcou significativamente a vida dos moradores dessa cidade; medos, indagações, receios, perguntas sem respostas, datas, números, eventos oficiais, uma operação liderada pela força aérea brasileira, são elementos presentes nessa história que constitui parte da cultura de um povo. Uma história vivida, uma história falada, uma história contada. Uma história de deveria ser ensinada. Bittencourt define que:

"As formulações para o ensino de História a partir das séries (ou ciclos) iniciais do ensino fundamental sofrem variações, mas visam ultrapassar a limitação de uma disciplina apreendida com base nos feitos dos heróis e dos grandes personagens, apresentados em atividades cívicas e como figuras atemporais [...] Os estudos de História tem como base o desenvolvimento intelectual do educando, e daí a recomendação de introduzir o conteúdo a ser estudado por um problema situado no tempo presente, buscando em tempos passados as respostas para as indagações feitas". (BITTENCOURT, 2004, p. 112/113)

Nesse contexto, a abordagem de história local ou história do lugar, que procura estabelecer uma conexão entre o vivido pelo aluno ou por seus familiares com eventos de proporções nacionais e/ou mundiais, desencadeia um interesse pelo estudo da história como um todo, onde o aluno parte da análise do fragmento de uma história e chega a sua totalidade. Assim, podemos destacar a importância do estudo dos fatos ocorridos durante o fenômeno Chupa-Chupa como elementos advindos de uma história local que constitui a história e "raiz" de um sujeito. Explorando a História vivida e contada como um elemento relevante no ensino de história, saindo apenas dos "heróis documentados", podemos chegar a novos caminhos que exploram a história de uma forma contemporânea e ao mesmo tempo passada.

Sendo assim, o estudo da história através de relações dialógicas e memórias das histórias vividas e contadas na contribuição do ensino nas séries iniciais, no município de Colares, desencadeará a melhoria do ensino de História e valorização da cultura local, como fonte de conhecimento do indivíduo e da realidade a que está inserido.

Portanto, a fala pode ser o meio mais acessível de comunicação entre os sujeitos, por ela é permitida uma troca de ideias e conhecimentos, o ato de ouvir pode ser um elemento fundamental na formação social de um cidadão.

Segundo Malerba (2016), A narrativa é o meio pelo qual as vivências históricas tomam sentido na vida do homem. Deste modo o homem faz história a medida que narra suas memórias, constitui-se como historiador e repassa esses conhecimentos.

Valorizando a narrativa, esta será uma pesquisa realizada através de entrevistas com 3 moradores e/ou testemunhas dos fatos ocorridos na década de 1970 na Ilha de Colares, elaborarei dez perguntas que serão respondidas pelas testemunhas de acordo com suas percepções e vivências dos fatos, gravarei em áudio e sintetizarei no presente estudo.

Analizarei jornais da época que noticiaram as informações sobre o fenômeno, assim como revistas de estudo próximo ao científico que também apresentaram suas concepções sobre o chupa-chupa, mediante coleta de informações, farei um embate de memórias para apresentar ao leitor desse estudo as possíveis leituras sobre o evento.

A justificativa para essa abordagem foi o contato direto com os moradores da Cidade de Colares, que narram constantemente suas experiências vivenciadas em suas comunidades acerca do fenômeno chupa-chupa que são sempre presentes em seus relatos, tornando evidente o quanto isso influenciou e influencia a história e cultura local.

Após a conclusão da pesquisa, buscarei propor sugestões e formas de converter os dados em produto de cunho pedagógico para que possa servir como subsídio no processo de ensino, contextualizando os relatos e dados das vivências locais para valorização da história local de Colares.

1. PRODUZINDO HISTÓRIA E ENTRELAÇANDO MEMÓRIAS

A disciplina de História pode não ser a mais popular na preferência dos alunos das séries iniciais do ensino fundamental, além disso possui uma carga horária reduzida e com um conteúdo extenso que por vezes pode ser tratado como menos importante se comparada as outras disciplinas. Porém, ela pode ser um convite para entrelaçar histórias e a memória individual e coletiva dos nossos alunos e seus familiares na perspectiva de assumir uma postura crítica.

Estudar História a partir do conhecimento de sua própria história, tendo o uso da memória como documento histórico, pode dinamizar o ensino de História nas localidades em que os alunos vivem e, em particular, no município de Colares que serve como referência espacial para este estudo. Assim teremos uma abordagem prazerosa de um conhecimento empírico associado a historiografia que refletiria positivamente na coletividade de um ensino de História como um todo.

Assim, neste capítulo o meu objetivo é discutir noções teórico-conceituais sobre o conhecimento histórico e suas possibilidades para o ensino, como nos propomos a seguir.

1.1. O ENSINO DE HISTÓRIA: aproximações e distanciamentos.

Quem nunca ouviu um comentário do tipo: "tirou nota vermelha em matéria decorativa?", como se essa disciplina apresentasse pouca relevância no processo formativo dos indivíduos em fase escolar, como se ela não fosse um pilar para o autoconhecimento como cidadão emergente de uma cultura paraense, amazônica, brasileira. Em meu tempo como aluna das séries iniciais (e em tempo de muitos), a disciplina de História era tratada como "secundária", um estudo de conteúdos que nem seriam tão explorados e aproveitados no decorrer de nossa vida escolar e que parece para nada servir as nossas vidas.

Antes de escrever este capítulo fiz uma reflexão sobre minha vida escolar, nas séries iniciais. Percebo que desde sempre não fui uma admiradora da disciplina de história e tentei entender o motivo para isso, então percebi que fui mais uma de muitas crianças que cresceram com essa doutrina de que História é apenas decorativa, tratada como algo que não me formaria ou que não contribuiria muito

com minhas intenções profissionais. É verdade que poucas crianças sonham em trabalhar quando ainda estão nas séries iniciais da educação, no entanto, das que já ouvi falar e das que convivi, eu particularmente, nunca ouvi uma criança dizer que sonhava ser um professor de História.

Os meninos querem ser heróis (fardados) e as meninas médicas e professoras (mas não de história), então qual seria o motivo dessa cultura? Vale salientar que o encanto por essas profissões é estimulado, na maioria das vezes, pelo professor de história. Visto que, o estudo de profissões é um elemento do ensino de História nas séries iniciais. No entanto, a disciplina de História em si, carrega consigo um certo desdém dos alunos e dos pais também.¹

Sempre ouvi em casa que deveria ler várias vezes para decorar os conteúdos e tirar boa nota, depois do teste aplicado em sala de aula, o conhecimento que sobrevivesse na minha memória não faria diferença, afinal quem algum dia nos perguntaria coisas do tipo "Como esse café chegou até a sua mesa?".

Nas séries iniciais a produção cafeeira era um assunto bastante abordado pela minha professora, no entanto a única informação sobre esse assunto que parecia valer para a minha vida era saber qual o melhor café e mais barato para incluir em nossa cesta básica. Não lembro de alguma vez discutirmos a mesa, minha mãe, meu pai, meus 10 irmãos e eu, sobre a origem daquele café, no entanto, todos os dias falávamos mesmo era sobre assuntos referentes a situações ocorridas em nossa cidade, de nossa cultura e história local, de mitos e lendas, que eu adorava, mas quase nunca apareciam como temas em minhas aulas de história. Porém, isso não significa que a discussão sobre o café seja irrelevante, mas sim a forma como o tema foi tratado nas aulas de História que tive nas séries iniciais.

Na escola a professora falava do café, mas eu só queria saber de tudo que ouvia em casa, estudava em uma escola de freiras, ao lado da igreja matriz de Vigia de Nazaré, a Igreja Mãe de Deus. Meus pais falavam sobre um suposto túnel que existiria em baixo da igreja, segundo eles, aquele túnel percorria parte da cidade

¹Do 1º ao 5º ano, o estudo das diferentes profissões faz parte dos assuntos para a disciplina história.

pelo subterrâneo, o que provocava as minhas curiosidades sobre aquele lugar. Eu imaginava milhares de coisas e isso me enchia de dúvidas, tinha muita coisa para perguntar sobre aquele túnel, mas a minha professora só queria saber de temas como o café! E eu nem gostava tanto assim de café.

Perguntei para minha professora sobre o túnel, quem teria feito? Para que servia? Ele realmente existia? Porque não vamos lá? Será que tem ouro lá dentro? Ao bombardeio de perguntas ela não respondia nada! Então decidi investigar sozinha.

Todos os dias, ao sair da escola, eu caminhava em direção a entrada lateral da igreja, vez ou outra eu dava sorte e a porta estava aberta. Em silencio entrava na igreja e buscava o máximo de informações que podia, entrava em salas, galerias, olhava pela fresta das portas, tudo em busca do tal "túnel subterrâneo", era uma exploradora, uma pesquisadora e não me dava conta. Quando estava no melhor de minha busca, um senhor simpático que era vigia da igreja me interceptava e me mandava ir embora, mas isso não importava e sim o que eu tinha conseguido absorver em minhas investigações. Enquanto ele me segurava pelos braços e me conduzia até a porta eu olhava para ele e não parava de perguntar sobre o túnel. Queria saber quem o fez, se alguém já tinha descido lá, se era perigoso, se realmente existia, etc.

Aquele homem não parecia ter muito conhecimento e por isso não me respondia nada. Não desisti, todos os dias repetia a mesma "missão". Pela manhã trazia o relatório aos meus colegas de classe sobre o que conseguira ver. Quando as portas laterais estavam trancadas e não podia entrar nas áreas restritas da igreja eu não dava viagem perdida, então entrava pela porta de frente para explorar o interior da matriz que era repleto de artefatos lindíssimos, olhava todas as imagens, peças antigas, estrutura das colunas, pinturas e esculturas existentes no interior do templo. Tinha vontade de levantar o vestido de Nossa Senhora e olhar, mas a beata me disse que se fizesse isso eu ficaria cega e para ser sincera, até hoje tenho medo.

Certo dia o simpático senhor, cansado de minhas investidas e entradas "clandestinas" fez um acordo comigo. Disse que me mostraria o túnel, desde que em troca eu promettesse nunca mais invadir a igreja daquele jeito. Eu precisava decidir

entre minha grande descoberta e os "tours" que eu tanto amava, não foi fácil, mas eu aceitei a proposta dele.

Ele me conduziu até uma área onde eu nunca havia conseguido entrar, essa área dava acesso a coluna esquerda da matriz, onde fica um grande sino, abaixo do sino havia um enorme assoalho de tábuas, todo o interior da coluna era oco e escuro (salvo pelos raios de sol que entravam pelo topo da coluna), segundo o homem, esse tabuado teria sido montado para esconder a profundidade do túnel que existia no interior da coluna. Ele me deixou na porta, desceu sobre o tabuado (devia ser uns 50 cm abaixo da porta de acesso), abaixou-se, pegou uma das tábuas que estava solta, levantou-a, me olhou e disse: "Esse é o túnel, menina!" Era muito escuro abaixo das tábuas, os raios de sol não chegavam até lá, não tinha como definir profundidade ou a veracidade do que ele me mostrava.

Olhei para ele com os olhos arregalados e pensei, "Finalmente!". Não queria acreditar em que meus olhos viam, enruguei a testa com sinal de que estava pensando, perguntei a mim mesma se aquilo tudo não fazia parte de um teatro para me convencer a não voltar mais ali, foi quando ele pegou um pedaço de reboco que estava solto sobre as tábuas do assoalho e atirou no fundo do túnel, depois de alguns segundos a pedra tocou o chão em um som abafado que ecoava. Fiquei em silêncio por mais alguns segundos e em seguida perguntei: Quem fez? Então ele disse que foram os Jesuítas. Quis saber onde aquele túnel ia dar, mas ele já não soube responder.²

No dia seguinte cheguei antes de todos os meus colegas na escola e contei para todo mundo o que acontecera comigo. Ao chegar na sala de aula, minha professora foi recebida com outra frase e não com o tradicional "bom dia!" Ao invés disso, dissemos a ela: "Quem eram os Jesuítas?!" Ela nos mandou sentar e disse

² Sobre o referido túnel, trata-se de uma história muito presente no imaginário popular de Vigia-Pará, alguns afirmam que o túnel nunca existiu e outros dizem ter visto de perto, que se tratava de um túnel grande o suficiente para uma pessoa ficar de pé e que seguia subterraneamente por baixo da cidade, com destino desconhecido, suas paredes eram rebocadas e era sem iluminação, pessoas afirmam que o túnel teve sua entrada soterrada no início da década de 1990, não existem dados oficiais sobre esse tema, no entanto moradores antigos apresentam depoimentos favoráveis a existência do túnel, popularmente chamado de "sumidouro". (VIGILENGA, 2017) in: <https://www.culturavigilenga.com/lendas-de-vigia>

que não era dia de estudar História, traduzindo-se em um misto de frustração e mais inquietação.

O curioso é que mesmo diante de tanta vontade de aprender, minha professora "freou" minhas expectativas e de meus colegas também. Imaginei o quanto eu poderia ter aprendido sobre história se tivéssemos a oportunidade de estudar sobre o que nos estimulava a curiosidade, eu era uma exploradora em formação.

Ao examinar estátuas, arquitetura e o contexto histórico da minha realidade eu poderia ter desenvolvido um prazer maior pelo estudo da História ao invés de me tornar uma adulta que durante anos consecutivos detestou uma disciplina que poderia ter contribuído muito para minha formação. Em consequência de ser tolhida e não assistida em minhas dúvidas quando ainda estava nas séries iniciais, tratei a disciplina de História como secundária e irrelevante. Sim, isso é vergonhoso. Precisei chegar à Universidade para compreender que a História é feita de acontecimentos próximos e acessíveis de onde emerge nossa realidade e não apenas de gravuras impressas em livros que concretizam noções abstratas (BITTENCOURT, ALMEIDA, *et al.*, 2006).

Os PCN's de História para o primeiro ciclo do ensino Fundamental, que engloba alunos do 1º ao 5º ano do ensino de nove anos, traz como eixo temático a História Local e do cotidiano, defende que os conteúdos de história para o primeiro ciclo, devem, preferencialmente, destacar histórias pertencentes ao local em que o aluno convive, dimensionadas em diferentes tempos, objetivando que o aluno seja capaz de estabelecer relações entre o presente e o passado (BRASIL, 1997).

Considerando o eixo temático "História local e do cotidiano", a proposta é a de que, no primeiro ciclo, os alunos iniciem seus estudos históricos no presente, desse modo estimule sua curiosidade pelo passado a fins de buscar respostas para a sua contemporaneidade.

Ao ingressar na escola o aluno vem com uma carga de saberes baseado nas suas experiências e mesmo no conhecimento empírico de seus familiares, de sua comunidade e cabe a escola aprimora-los e estabelecer conexões com as abordagens temáticas referentes ao ensino de modo geral.

Nesse contexto (BITTENCOUT, 2004) ressalta a importância do estudo de história do lugar em que o aluno estabelece conexões entre o vivido por ele e o nacional. Surge aí uma admiração e desejo em aprofundar-se mais na História como leitura prazerosa de mundo e de documentos.

Se ao invés de ser ensinada nas séries iniciais, por minha professora, ela tivesse me proporcionado essa contextualização partida de meu presente para o passado, teria de fato, me aproximado da História e feito de mim uma pesquisadora sempre inconclusa (por querer saber sempre mais) e não uma adulta perdida entre livros e gravuras. Essa abordagem é uma reflexão sobre como temos ensinado nossos alunos no período do 1º ao 5º ano, que embora pareça não formar, mas é absolutamente formador.

1.2. A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

Compreendemos ao longo de nossos estudos nas séries iniciais que a História fala do passado, no entanto conceituar História não é tão simples assim, para Silva e Silva (2009) o conceito de História não é algo definido e sim algo que está em constante mutação e cabe ao professor destacar esta constante mudança.

A História se baseia em pesquisas, estuda o desenvolvimento do homem no tempo, analisando personagens, fatos, documentos e memórias para compreender cada período vivido. Resgatar os aspectos culturais passados para compreender o momento presente. Para isso dispõe de um conjunto de fontes de pesquisa que podem ser: livros, roupas, imagens, objetos materiais, registros orais, documentos, moedas, jornais, gravações, etc.

Fazer história também é buscar informações do passado, para explicar aos povos atuais o que aconteceu, como era o cotidiano das pessoas, o que faziam, o que sabiam e no que acreditavam os povos do passado (MACHADO, 2017)

A disciplina História também tem a sua história e ao propor discutir algumas noções teórico-conceituais que subsidiam o conhecimento histórico e suas possibilidades para o ensino, poderemos compreender se devemos rever a forma como temos ensinado e aprendido História ou se devemos continuar a depender de

um modelo de ensino que busca valorizar somente a memorização como estratégia para a apreensão desses conhecimentos.

A proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de História, é que ao longo de sua formação os alunos possam, de acordo com suas etapas, ler e compreender a sua realidade, assim como posicionar-se diante dela e ainda, organizar um repertório sociocultural, estabelecer uma conexão temporal e assim encontrar respostas para o presente a partir do passado (BRASIL, 1997).

Adquirimos conhecimento buscando respostas para nossas indagações e à medida em que nos constituímos como ser pensante e atuante na sociedade em que estamos inseridos, portanto o conhecimento histórico vem a partir da pesquisa. (BUENO, ESTACHESKI, *et al.*, 2017)

Conforme citado acima, a pesquisa é a base para se obter o conhecimento histórico, nessa pesquisa os elementos devem ser apreciados de forma significativa. Todo o conhecimento tem seu valor no estudo da História, os acontecimentos passados são estudados para obter explicação do que vivemos no tempo presente, assim o indivíduo se correlaciona diretamente com sua própria história.

Nas séries iniciais a criança está no processo de conhecer-se a si mesmo e conhecer o mundo onde vive, a História auxilia nesse processo de humanização e torna o aluno objeto de sua própria história que é emergente de uma história coletiva na realidade onde está inserido.

Bittencout (2004), ressalta que conhecer o passado dos homens é parte do estudo de história, demonstrando que se trata de pesquisar sobre os fatos ocorridos em um tempo diferente ao do indivíduo para que ele se constitua no presente, seria um erro, porém, atribuir a família a responsabilidade de tratar sozinha desse conhecimento. Assim, reveste-se de particular importância a escola assumir o papel de exploradora dos conhecimentos históricos. Sob essa ótica, ganha particular relevância o estudo contextualizado da mesma para se obter êxito no processo de ensino e aprendizagem.

O estudo do passado para conhecimento do presente é essencial para a construção do saber histórico. Neste contexto, fica claro que a escola, não pode omitir fatos relevantes na formação do aluno, deve considerar fatos e memórias

importantes na construção da história e cultura da localidade onde a criança está inserida. É importante que olhemos com mais sensibilidade para todo esse conhecimento histórico que possivelmente ainda esteja inexplorado.

Assim, preocupa o fato de que as memórias e os conhecimentos peculiares dos moradores da localidade de tempo presente do aluno sejam desprezadas, isso porque a escola ainda não explorou esses saberes efetivamente. "A produção do conhecimento histórico também é feita através do ensino que torna este uma parte essencial da epistemologia da história" (BUENO, ESTACHESKI, *et al.*, 2017, p. 137), o professor tem seu valor nesse processo de construção e propagação do conhecimento produzido.

Conforme explicado acima, estudar o passado próximo a realidade da criança é extremamente válido. Ora, em tese, a História possui um caráter explicativo e analítico, onde o sujeito compreende a si mesmo e ao outro através da pesquisa. Caso contrário, não saberíamos de nossas raízes e cultura. Não se trata de seguir uma cartilha onde tudo deve ser sistêmico e decorado, lamentavelmente, em algumas escolas o ensino de História ainda funciona assim. É importante considerar que o aluno possui suas dúvidas e questões preliminares às questões maiores do conhecimento histórico, seja porque vive em comunidades pequenas, como Colares, com uma significativa história local. Julgo pertinente, por exemplo, trazer à baila o alardeado "Chupa-chupa", como fenômeno integrante da história dessa localidade para que os alunos das séries iniciais do ensino fundamental possam compreender a dimensão da história e cultura que permeia seu povo.

Tempo e espaço constituem os materiais básicos dos historiadores. De fato, qualquer escrita da história fundamenta-se em uma dimensão temporal e espacial. Um dos objetivos básicos da História é compreender o tempo vivido de outras épocas e converter o passado em 'nossos tempos'. A História propõe-se reconstruir os tempos distantes da experiência do presente e assim transformá-lo em tempos familiares para nós." (BITTENCOUT, 2004, p. 203,204)

Compreende-se na citação acima que a História tem por objeto de estudo a existência, o tempo e a ação do homem sobre esse tempo. Busca compreender o tempo vivido pelo homem, ela reconstitui o que se passou para nos fazer compreender o que se passa contemporaneamente. Deste modo, os alunos das séries iniciais, que estão em processo de conhecer-se a si mesmo e ao outro,

precisam, antes de tudo, obter informações sobre o meio em que vive para que possa compreender sua história como parte de um grande conhecimento histórico que ao longo do tempo irá adquirir.

Esses dados revelam muito mais do que uma necessidade de contextualização, fica evidente, diante desse quadro a importância da construção dos conhecimentos históricos desde o primeiro ciclo da educação, um conhecimento formador, em que o sujeito aprende sobre sua realidade, apropria-se de sua história e compreende as pluralidades que juntas, constituem uma gama de conhecimentos que serão necessários no decorrer de sua vida. Nessa temática o PCN de História espera que "Ao final do primeiro ciclo os alunos sejam capazes de comparar acontecimentos no tempo, tendo como referência anterioridade, posterioridade e simultaneidade" (BRASIL, 1997, p. 39)

1.3. FONTES DOCUMENTAIS E O USO DA MEMÓRIA

As fontes históricas são a matéria prima para a produção historiográfica e foram criadas com diferentes objetivos e possuem diferentes validades, são vestígios, dados incompletos deixados para suporte de pesquisas (intencional ou não), são objetos de estudos que norteiam historiadores. É possível considerar como fontes históricas os mais diversos materiais, como: esculturas, vídeos, desenhos, pinturas, memória, etc. O estudo com fontes permite fazer perguntas e questionamentos sobre o passado com respostas que refletem em situações presentes. (URBAN e LUPORINI, 2015)

O trabalho com a presença das fontes nas aulas de História dos anos iniciais do Ensino Fundamental deve ser planejado a partir das seguintes questões: Como tudo isso foi feito? Por quê? Por quem? De que forma foram usados? Como influenciou diretamente a vida das pessoas envolvidas?" (URBAN e LUPORINI, 2015). Desse modo, o aluno se permite indagar e buscar explicações que saciem seus questionamentos, interagindo assim com a História ativamente.

As fontes não são provas do passado, mas sim vestígios de evidências que nos permitem levantar hipóteses (URBAN e LUPORINI, 2015), isso deve ser discutido em sala de aula para que os alunos compreendam que fontes não são

verdades diretas e absolutas e sim um meio de estudar possíveis fatos. Os autores destacam ainda que os documentos históricos e escritos estão entre os mais lembrados na escola, no entanto existe uma variedade de fontes que podem ser exploradas no ensino de História.

O aluno precisa compreender o cenário histórico em que está inserido e perceber que dentro de seu contexto existem inúmeros elementos que podem auxiliar na sua busca pelo conhecimento de sua localidade e de sua história. Por vezes elementos ricos passam despercebidos aos olhos das crianças.

Trazer a compreensão que existem elementos além das gravuras e textos dos livros que também são relevantes ao realizar uma pesquisa histórica, fontes diversas com informações preciosas do que se espera compreender quanto elemento histórico.

A memória é um documento histórico que pode ser explorado nas séries iniciais e no ensino de história do lugar. O uso da memória é a capacidade do indivíduo, mediante estímulo externo, de acessar informações passadas e reproduzi-las através da oralidade. “O uso da memória está nos próprios alicerces da História, confundindo-se com o documento, com o monumento e com a oralidade” (SILVA; SILVA, 2009), nesse contexto os autores ressaltam que:

“Quando os historiadores começaram a se apossar da memória como objeto da História, o principal campo a trabalha-la foi na História oral. Nessa área, muitos estudiosos têm se preocupado em perceber as formas da memória e como esta age sobre nossa compreensão do passado e do presente [...] Mas a memória não é apenas individual. Na verdade, a forma de maior interesse para o historiador é a memória coletiva, composta pelas lembranças vividas pelo indivíduo ou que lhes foram repassadas, mas que não lhe pertencem somente, e são entendidas como propriedade de uma comunidade, um grupo.” (SILVA; SILVA, 2009, p. 276)

A História oral, na coletividade, abrange o estudo de uma narrativa de fatos que constituem a cultura e a identidade de um povo, daí a relevância de seus conteúdos. “O estudo histórico da memória coletiva começa a se desenvolver a partir de uma investigação oral” (SILVA e SILVA, 2009, p. 276). Ou seja, histórias narradas com riquezas de detalhes que se completam em narrativas distintas, explicando situações atuais vividas em consequências de fenômenos passados, a História presente e a História passada, por exemplo, que se completa e se explica

quando estudada a partir do uso da memória como documento, nesse contexto Khoury destaca:

Tudo que é chamado hoje de memória, não é, portanto, memória, mas já história. Tudo que é chamado de clarão de memória é finalização de seu desaparecimento no fogo da história. A necessidade de memória, é uma necessidade de história. (KHOURY, 1993, p. 14)

Neste sentido, entendemos que a discussão sobre as noções teórico-conceituais apresentadas anteriormente são de extrema importância para a compreensão sobre o conhecimento histórico e suas possibilidades para o ensino nas séries iniciais, visto que a História e a memória estão conectadas e podem ser exploradas em conjunto, a história do lugar e do indivíduo por meio da memória como documento histórico viabilizaria uma discussão dinâmica e prazerosa do vivido que reflete no presente da sociedade.

O sujeito vive de suas recordações/memórias, nela o empírico também se baseia. O indivíduo busca repassar aos seus descendentes conhecimentos e aprendizados que surgem de suas memórias no que se refere a meios utilizados por seus antecedentes na sua educação e na educação dos que antecederam a eles. Cria-se uma espécie de tradição na criação e educação dos membros de determinadas famílias e comunidades tendo por base o uso da memória e porque não utilizar essa memória como elemento e documento histórico para explorar as mudanças ocorridas no tempo do aluno em consequência de elementos presentes na memória de seus patriarcas? É isso que o uso da memória como fonte histórica sugere ao professor e/ou historiador, o visto que memória e história, ambas são necessárias segundo khoury (1993).

Ressaltamos que tais noções são fundamentais para as nossas discussões que travaremos na sequência desse estudo e assim buscar compreender as relações entre as memórias coletivas e individuais e o tema em discussão que consiste no fenômeno do chupa-chupa em colares e os seus rebatimentos no ensino de história nas séries iniciais do ensino fundamental.

2 - O EMBATE DE NARRATIVAS SOBRE O FENÔMENO DO CHUPA-CHUPA EM COLARES-PARÁ

Como retratado anteriormente nesse estudo, as fontes são instrumentos imprescindíveis para o trabalho do historiador e para a produção historiográfica e nesse sentido apresentamos algumas fontes e suas narrativas acerca das possíveis aparições de seres extraterrestres na região nordeste do Pará, particularmente na cidade de Colares.

O município tem cerca de 11 mil habitantes, a cidade ficou internacionalmente conhecida através de documentários de televisão que relataram possíveis eventos extraterrestres ocorridos na região na década de 1970. Na ocasião o I Comando Aéreo (COMAR) em Belém destacou uma equipe para investigar a incidência dos possíveis ataques e avistamentos de Objetos Voadores não Identificados (Óvnis) nos céus de Colares e região, evento que posteriormente recebeu o nome de "Operação Prato".

No entanto os elementos marcantes dessa época tiveram início bem antes da Operação Prato, moradores da cidade possuem riquíssimas narrativas sobre os acontecimentos que marcaram a vida e a história de toda a comunidade, elementos denominados popularmente como o "Chupa-chupa" e "aparelho".

É na análise dessas narrativas e de outras fontes documentais que explorarei os fatores que destacam o chupa-chupa como um elemento que alterou a realidade e influenciou na formação histórica do município de Colares.

Portanto, nesse capítulo, proponho-me investigar e relatar a memória de moradores de Colares sobre o fenômeno do Chupa-chupa.

2.1 – NARRATIVAS EM FONTES JORNALISTICAS

Colares é uma ilha e se caracteriza como uma cidade pequena e tranquila, porém é cheia de mistérios e fenômenos que enriquecem uma história popular e a sua população vive sob memórias de acontecimentos marcantes, de uma época que mesmo passada, é tratada com a atenção de um acontecimento atual. Ressalto que ao retratarmos o município de Colares, imediatamente aparece as imagens de seres

extraterrestres que compõem o imaginário popular e é conhecida como a cidade dos ET's nos Pará.³

É Uma cidade habitada por pessoas distintas, com características próprias, que ocupavam moradias distantes umas das outras, mas que apesar dessa distância compartilhavam as suas experiências semelhantes que convergem para algumas narrativas da memória coletiva de fatos ocorridos na Ilha de Colares. Essa memória coletiva que, para o historiador se torna interessante por não conter uma história exclusiva do indivíduo, mas sim a de toda a comunidade (SILVA; SILVA, 2009)

A Ilha de Colares foi surpreendida e aterrorizada por fenômenos inesperados em meados dos anos 1970 e a então cidade pacata, de gente simples e acolhedora começa a perceber sinais atípicos que vinham do céu. Eram luzes que foram posteriormente classificadas como objetos voadores não identificados (óvnis), que deslizavam nos céus de Colares, a uma velocidade inédita e inexplicável, esses objetos e suas luzes fortíssimas conforme narrado por muitos moradores, atacavam as pessoas e sugavam o sangue das vítimas.

Para que compreendamos a dimensão do ocorrido na região colarense e arredores é preciso acompanharmos as notícias que foram veiculadas na época a respeito dos fenômenos. Como documento histórico, utilizarei dois jornais conceituados e de grande circulação, "O Estado do Pará" e "O Liberal", que noticiaram ao longo do ano de 1977 essas informações.⁴

A ilha de Colares, será o ponto principal em minha pesquisa, no entanto, os fenômenos não foram privilégio apenas dessa localidade, outras cidades ao longo do litoral brasileira também foram alvo dos possíveis objetos voadores não identificados.

³ Em recente concurso de desenhos para alunos das escolas municipais de Colares, vários desenhos foram produzidos a partir do imaginário dos ETs, como representação das narrativas frequentes na Ilha, as crianças reproduziram o que ouvem desde seu convívio familiar até chegar na escola. Algumas das imagens premiadas foram publicadas em banners e usados com propaganda de um projeto cultural da cidade, a imagem do banner consta nos anexos deste estudo.

⁴ O Jornal é um tipo de publicação periódica (diária ou não), com um conjunto de gêneros textuais com teor informativo que partem da singularidade dos fatos para a universalidade, associando a informação ao senso comum. (BENNETTE, 2002)

As luzes emitidas pelos objetos passaram a ser apelidadas pelos moradores de "chupa-chupa", devido sua ação de supostamente sugar o sangue das vítimas. Ao longo do ano de 1977, os principais jornais paraenses publicaram uma série de reportagens que relatavam a aparição desses "aparelhos" em diversas regiões do Pará e Maranhão. Vale salientar que, os jornais são fontes históricas que nos permitem fazer indagações sobre o passado, buscando explicações para o presente (URBAN e LUPORINI, 2015)

No dia 19 de maio de 1977, o jornal "O Liberal" publica a notícia de que dois objetos voadores não identificados teriam se colidido no céu de Icoaraci-Pará, por volta das 21:30h do dia 17, causando um barulho ensurdecido e formando uma densa poeira rosa que se espalhou no céu e lá permaneceu por cerca de 20 minutos, o jornal relata que senhoras supersticiosas afirmaram que aquele seria o prelúdio do fim do mundo, a anunciação do fim dos tempos. Havia sim alguns céticos que diziam não ser nada além de foguetes e obra de descuido e irresponsabilidade humana, no entanto, mesmo assim a situação trouxe medo e insegurança aos moradores daquela região, "mulheres balbuciavam frases de agouro afirmando ser um sinal de Deus" (O LIBERAL, 1977, p.24). Vários moradores foram para a rua observar o fenômeno inusitado, porém ninguém soube dar uma explicação que definisse com exatidão o acontecido. O jornal ressalta ainda que a poucos dias da suposta colisão, um pescador teria avistado um estranho objeto cortando os céus de Benevides-Pará, o que deu ênfase a possibilidade de ser uma colisão entre dois objetos voadores não identificados.

No mês de julho de 1977, o noticiário foi mais intenso, diversas manchetes envolvendo Óvnis similares foram publicadas. Desta vez os alvos foram para o município de Viseu na fronteira com o estado do Maranhão, chegando também a vez de da cidade de São Luís, capital maranhense e arredores. Agora os jornais noticiavam, além de aparições, supostos ataques que teriam, inclusive, levado vítimas a óbito.

Em Viseu, moradores não saíam mais de suas casas a partir das 18h, "medo duma lanterna com luz forte que voa pelo céu e vem sugar o sangue da gente até deixar morto" (O LIBERAL, 1977, p.24). Moradores viviam aterrorizados por conta dessa luz que ninguém sabia explicar, luzes essas que agora, supostamente faziam

vítimas fatais. Segundo o jornal, pelo menos duas pessoas morreram por conta dos ataques das luzes, no entanto, ninguém dava informações concretas sobre as possíveis vítimas.

“Era a luz do Diabo! Ela fazia doer muito, tirava toda a minha força. Eu sabia que ela estava me matando e rezava pra Deus me ajudar. Mas parece que Deus não me ouvia, E a morte vinha chegando” (O LIBERAL, 1977, p.16). Essas foram as palavras de uma das vítimas do Chupa-chupa em Viseu, publicadas na Edição de O Liberal, do dia 11 de julho de 1977, nessa edição o senhor João de Brito, da Vila de Piriá (cerca de 14km da cidade de Viseu) conta a sua experiência com as mesmas palavras que contou a seu pai, Tomás, e aos cerca de 400 moradores da vila, segundo ele, após o ataque do Chupa-chupa fora acometido por uma doença que estava acabando com sua vitalidade. A mesma experiência de João de Brito, segundo o jornal O Liberal, foi vivenciada por outras dezenas de moradores da Vila de Piriá, Viseu, de toda a área bragantina e às proximidades da fronteira Pará-Maranhão.

Diante das circunstâncias o medo se prolifera e os rumores de ser o fim do mundo ganha destaque e popularidade na boca do povo. Religiosos afirmam ser o anúncio de que “Jesus estaria voltando para buscar os escolhidos”, era tempo de arrependimento e remissão de pecados.

Com a manchete “Luz dos mistérios volta aos céus do Maranhão” publicada pelo jornal O LIBERAL do dia 14 julho de 1977 a situação não é diferente naquele estado vizinho. Uma luz misteriosa foi vista por quase toda a população do município de Cajapió, a apenas 62 km da capital, relatos assustados que narravam sempre a presença de uma luz.

“Uma luz intensa, e não compatível a outro tipo de luz conhecidos deslocando-se em vertiginosa velocidade, foi visto também nas adjacências de Cajapió, causando medo aos moradores da sede do município e das áreas circunvizinhas” (O LIBERAL, 1977, p.19).

O estado do Maranhão passou a viver momentos de medo e terror, as luzes já eram frequentes e vistas por grande parte dos moradores das regiões atingidas. Indagações que vinham desde luzes que perseguiram motoqueiros a luzes que supostamente matavam eram narradas pelos moradores, superstições e religiosidade se misturavam na explicação dos fenômenos. Na mesma reportagem,

o jornal destaca que “em meados de maio último, uma luz misteriosa e muito brilhante, surgindo repentinamente, provocou a morte de um homem a bordo de uma embarcação, ancorada ao largo da Ilha dos Caranguejos” (O LIBERAL, 1977, p.19). Agora os moradores temiam ainda mais por suas vidas.

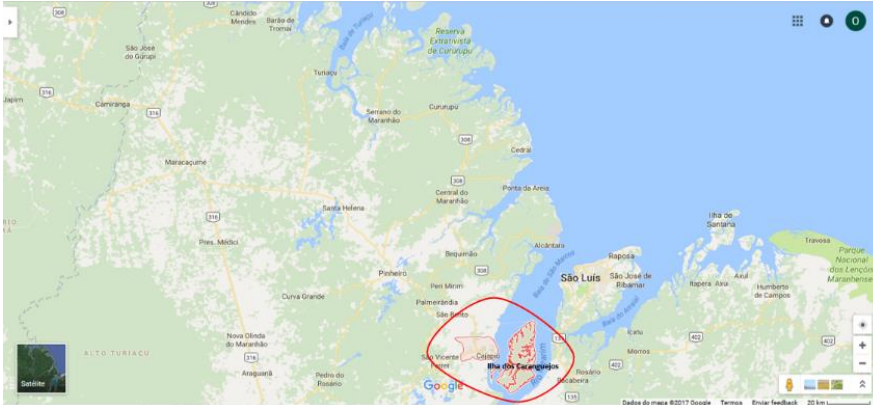


Figura 1 - Ilha dos caranguejos - Maranhão

Fonte: Operação Prato, 2017, in fonte: <<http://operacaoprato.com/novidades/documento-inedito-comprova-militares->>

A imagem mostra a localização da Ilha dos Caranguejos, onde ocorreu o famoso caso do homem que teria morrido por conta das luzes que atacavam. A informação da ocorrência da morte desse homem teve grande repercussão, no entanto a informação de que a causa seria pelo ataque das luzes, nunca teve uma confirmação oficial.

Ne edição do dia 29 de julho de 1977, o “O Liberal” continua noticiando as aparições que se tornam cada vez mais frequentes no estado do Maranhão. “Os municípios de Cajapió, São Bento e Pinheiro e toda a baixada maranhense tem sido contemplado com visitas dos estranhos objetos voadores” (O LIBERAL, 1977, p.12). As aparições se tornaram comuns no território maranhense e o relato de que um objeto voador não identificado teria perseguido uma viatura da polícia e tentado manter contato através de sinais de luzes existe nessa edição do jornal.

Os ataques não cessam e a edição do Jornal O Liberal de 16 de outubro de 1977 apresenta como vítimas as pessoas que residem em cidades como Marapanim e Vigia, municípios também da região Nordeste do Pará. “De Marapanim vem notícias de pânico entre a população, alarmada com o que os vigienses chamam de Chupa-chupa” (O LIBERAL, 1977, p.2), o estranho objeto voador com fochos de luz

que paralisavam e sugavam o sangue e mais do que isso, aterrorizavam a população eram assuntos frequentes entre os moradores.

As aparições são ditas comuns aos moradores das cidades, todos se referem ao fenômeno como sobrenatural e inexplicável. Há quem diga que é o juízo de Deus para os homens maus, há quem afirme que as luzes são sinais de que Deus está vindo buscar os fiéis, também existem opiniões que atribuem o ocorrido aos extraterrestres. Interpretações distintas para visões coletivas, os moradores e testemunhas definem da forma que suas compreensões percebem as luzes e os ataques, no entanto, a opinião que predomina tem fundamentos na religiosidade, o assunto é visto como algo que excede o entendimento humano, possível de ser explicado apenas de forma divina.

Em novembro de 1977, o medo toma conta de Belém e a capital sofre com a aparição do chupa-chupa.

“Em Belém dois adolescentes, Francisco e Paulo, de 15 anos, a noite de anteontem na travessa da Vileta, no bairro da Pedreira, entre as avenidas Antônio Everdosa e Pedro Miranda, um objeto não identificado, emitindo uma luz azulada-esverdeada, provavelmente o mesmo que vem atormentando moradores de boa parte do interior paraense. Mosqueiro, Vigia, Acará e Colares, por exemplo.” (O ESTADO DO PARÁ, 1977,p.12)

Tamanha era a incidência dos casos que por conjectura os jornais associavam as informações contidas em suas reportagens a informações publicadas anteriormente em outros jornais veiculados no Pará. Belém, assim como as demais cidades, viu, percebeu, temeu e sentiu as luzes misteriosas que foram apelidadas pela população de Chupa-chupa.

Nessa edição do Jornal o Estado do Pará, que circulou no dia 02 de novembro de 1977, uma página inteira foi dedicada ao noticiário de óvnis nos céus de múltiplas cidades do estado do Pará como Vigia, Belém, Mosqueiro e Colares e até mesmo Brasília-DF, no entanto na capital nacional, as aparições são classificadas como inofensivas pelo fato de não atingirem pessoas e nem causar danos algum.

No entanto, Mosqueiro e Colares, das cidades mencionadas nos jornais paraenses foram as mais atingidas, no que se refere a Mosqueiro o jornal destaca “Em mosqueiro o clima está tenso, moradores armados” (O ESTADO DO PARÁ,

1977, p.12), os casos de ataque são frequentes e os moradores posicionam-se com armas do fogo na tentativa de abater os óvnis.

Os relatos são muito parecidos e os moradores entram em pânico! Os depoimentos se assemelham, vítimas e moradores das regiões que tiveram avistamentos, mesmo distantes geograficamente, são próximos em suas narrativas. Detalham suas experiências com muita veracidade e as características coincidem.

Colares, que foi uma região com grande incidência de avistamentos de objetos voadores não identificados na década de 1970 e é o objeto de meu estudo que utilizando narrativas como fonte histórica, relata as experiências vividas na época que marcou a história dessa cidade.

Na análise dos jornais, o que podemos perceber é que um jornal tem como principal objetivo noticiar os fatos e informar os seus leitores e a sociedade em geral e o que desponta das notícias veiculadas é um discurso de medo e premonições acerca de uma suposta cobrança divina sobre a humanidade.

2.2. NARRATIVAS DE MORADORES SOBRE O FATO OCORRIDO

Ainda como parte da composição das narrativas para a minha pesquisa, entrevistei três moradores da cidade de Colares que tiveram a oportunidade de vivenciar os fatos ocorridos no ano de 1977, uma delas se denominou vítima e as outras testemunhas. Elaborei dez perguntas ligadas diretamente ao fenômeno chupa-chupa que foram respondidas conforme a interpretação de cada entrevistado.

Suas identidades serão preservadas, usarei nomes fictícios para representá-los, os nomearei como narrador/entrevistado 1, 2 e 3. Nos dias atuais, todos são adultos com mais de 50 anos. Aqui sintetizarei os depoimentos, conforme segue.

Ao ouvir e analisar o relato dos narradores, pude observar que os fenômenos iniciaram por volta de 1976, quando moradores antigos afirmam que luzes sempre apareceram nos céus de Colares, "a cidade era pacata, tranquila, pouco visitada e os moradores, pessoas simples e de bem" (NARRADOR 2, 2017). A cidade não possuía energia elétrica, contava com um gerador que produzia a energia necessária para a comunidade, ele era ligado pela manhã, por volta de 7h e desligado a noite, por volta das 21h.

Durante o dia, a rotina da Ilha era comum às cidades interioranas, os comerciantes assumiam seus comércios (na maioria familiares), mas a grande fonte de renda da cidade era a pesca. Os homens pescavam para consumo e também para sustento da família e a agricultura também contribuía bastante com a renda local.

Os relatos mostram que por volta de 1976, moradores da ilha começaram a observar pequenas luzes que surgiam no céu, "era algo bonito de se ver!", conta o narrador 3. Quando os homens saíam para pescar a noite, voltavam com histórias para contar. Alguns sentiam medo e outros apenas apreciavam a vista. A princípio eram luzes de cores variadas que se deslocavam com intensa velocidade de um ponto até outro e depois sumiam repentinamente. Essas luzes apareciam sempre a noite e com o passar dos meses as aparições se tornaram mais frequentes e até mesmo diurnas. Vale ressaltar que a ausência de um sistema de iluminação elétrica regular poderia apresentar efeitos supostamente mais intensos das citadas luzes coloridas.

No início de 1977, as luzes passaram a ser temidas e não mais apreciadas pelos moradores, passaram de espetáculos luminosos para luzes que atacavam, logo a população passou a apelidar as luzes de "aparelho", no entanto o nome mais popular era "Chupa-chupa", isso se dava ao fato de que a luz agora ao atingir as pessoas supostamente sugaria o sangue delas.

As pessoas atacadas pelas luzes eram, em sua maioria, mulheres e elas eram atingidas na altura do seio esquerdo e os homens eram atingidos no pescoço, sempre, imutavelmente, esse era o local onde as luzes penetravam a pele para supostamente sugar o sangue.

O narrador 1, que se denomina vítima, conta que muito se ouvia falar no Aparelho e no Chupa-Chupa, mas nunca imaginou que um dia seria vítima. Então após uma pescaria, decidiu visitar sua namorada em uma localidade pertencente a Colares chamada Mocajatuba, seguiu por um caminho de mata no entardecer e ao cair da noite chegou ao seu destino.

Ao chegar no local, jantou e dormiu cedo porque estava muito cansado depois de um dia de trabalho; dormiu em uma rede no corredor da casa, próximo a janela, a casa era de madeira, simples, mas de gente acolhedora. Segundo ele, os moradores

viviam em alerta e aterrorizados, por senso comum ninguém saía a noite de suas casas por causa do chupa-chupa, os moradores da região que optavam por sair de suas casas reuniam-se em lugares estratégicos e formavam grupos para aguardar a chegada do chupa-chupa, esses grupos eram compostos por homens e mulheres, em sua maioria adultos, alguns faziam fogueiras e batiam panelas na tentativas de com a claridade e o barulho afugentar os aparelhos, enquanto isso outros membros do grupo empunhavam armas de fogo e ficavam à espera das luzes a fins de alvejá-las e assim abater os óvnis, tudo era válido para evitar que as luzes fizessem outras vítimas.

Próximo à casa da namorada do narrador 1 existia um desses lugares estratégicos e pessoas estavam de plantão à espera do Chupa-chupa. Ele conta que dormiu e quando acordou se deparou com o desespero de todos. Ele, na realidade não viu o que aconteceu consigo mesmo, apenas acordou com dois furos no pescoço, sentindo uma ardência no local e uma fraqueza no corpo todo.

Os vizinhos que estavam de plantão próximo a casa de sua namorada, disseram que por volta das 23h, uma luz muito forte sobrevoou a casa onde ele estava e um raio de luz entrou na casa, o objeto pairou sobre a residência por poucos minutos e em seguida partiu rasgando o céu.

Apesar de tanto pavor e preocupação, a população viveu também um misto de medo e sátiras.

"Todo mundo falava por aí que tinham as luzes que atacavam as pessoas e chupava todo o sangue delas, que ninguém podia sair a noite se não era atacado, eu desobedeci e saí para visitar a minha namorada, dormi na casa dela e quando acordei já tinha sido chupado (risos)" (NARRADOR 1, 2017).

No relato do narrador 1 é possível observar um certo senso de humor ao abordar o assunto, com uma breve conotação que insinua uma “piada de cunho sexual”, isso se deve ao fato de que, mesmo sendo um assunto que aterrorizou várias cidades, haviam muitos descrentes no assunto que empunhavam anedotas com tom sexual, inclusive ao apelido dado pelo povo ao fenômenos (Chupa-Chupa), eram pessoas que moravam em cidades vizinhas e pareciam alheias a toda a situação e até mesmo pessoas de dentro do próprio município que apesar de tudo ainda duvidavam. O narrador 3 diz que nos dias atuais pessoas ainda zombam de tudo que Colares viveu.

O narrador 1 diz que durante meses não foi capaz de sair de sua casa, não conseguia trabalhar e tinha medo de olhar para o céu, foi difícil retornar à sua rotina normal, porém mesmo tendo vivido momentos de terror diz que com o passar do tempo aprendeu a conviver com isso e hoje consegue, inclusive, rir dessas colocações de humor. No entanto, ao ser indagado se gostaria de repetir a experiência que teve, ele diz que nem em sonho gostaria de viver novamente tudo que viveu.

As vítimas, em geral, apresentavam sintomas similares: cansaço, esgotamento físico, indisposição e anemia. Ficavam nesse estado pelo período de 7 a 10 dias, precisavam de tratamento e acompanhamento médico para ter suas forças reabilitadas. Eram selecionadas aleatoriamente, não haviam características específicas que pudessem identificar as próximas vítimas. O narrador 1 conta ainda que na mesma noite que foi atingido pela luz do Chupa-chupa outras três pessoas também foram atingidas em outras localidades distantes da que ele estava.

O narrador 1 faz uma observação atual que é no mínimo intrigante, ele diz que ainda nos dias de hoje as luzes aparecem frequentemente em Colares, embora não ataquem mais, elas ainda surgem repentinamente nos céus da Ilha e que aparições são mais frequentes a partir do mês de julho, quando se inicia o verão e o céu fica mais limpo e os detalhes nele ficam perceptíveis. Esse relato me fez meditar nas reportagens de jornais lidas e sintetizadas nesse estudo, onde é fácil notar que a partir do mês de julho de 1977 as manchetes acerca do chupa-chupa se tornaram mais constantes e em múltiplos lugares.

O narrador 2 traz em seu depoimento um fato que efetivamente marcou a cidade de Colares e a tornou mundialmente conhecida. Relata que em 1977, quando os jornais circulavam constantemente notícias sobre os objetos voadores, Colares sofria um caos por conta das diversas aparições e ataques dos supostos OVNI's. Os pescadores se recusavam a sair para pescar por medo de serem atingidos, quase ninguém deixava as suas casas a noite, e segundo relatos de moradores da ilha, quem tinha a opção de sair da cidade saiu e a população reduziu⁵. O alimento

⁵ Não existem elementos oficiais que comprovem a grande evasão de moradores, no entanto as narrativas apresentam isso como um fato.

passou a ficar reduzido, visto que a cidade se mantinha da pesca e ninguém queria mais pescar. A cidade estava em pânico, temiam por suas vidas.

Na ocasião, o narrador 2 era prefeito no Município de Vigia e por queixas concernentes a aparição de óvnis na localidade de Imituba (nas extremidades de Vigia e as margens de Colares), a comunidade aterrorizada procurou o então prefeito que imediatamente tomou providencias de segurança emitindo um documento oficial⁶ pedindo ajuda para o I Comando Aéreo (COMAR) de Belém, se tratava de um pedido oficial de socorro, nesse documento expunham o que estava acontecendo na região.

Em decorrência da situação do Imituba, as proximidades com a cidade de Colares e a evidencia da aparição de óvnis, a Força Aérea Brasileira (FAB) decidiu tomar providencias para que pudessem solucionar o problema da população e reestabelecer a paz também em Colares. Uma atitude em defesa de uma localidade pertencente ao município de Vigia beneficiou diretamente os moradores de Colares que foram contemplados com uma medida de segurança nacional que se concentrou na ilha.

Foi então que a FAB encaminhou para Colares uma equipe composta por aproximadamente 6 oficiais, homens qualificados e equipados dos melhores materiais de captura de imagem disponíveis na época para investigar o que estaria acontecendo naquela região.

A operação altamente sigilosa foi nomeada de "Operação Prato", as testemunhas são unânimes em dizer que a população passou a sentir-se mais segura com a chegada dos oficiais da Força Aérea Brasileira. "Eram homens sérios, não estavam armados, mas possuíam o que havia de mais moderno em equipamentos tecnológicos" (NARRADOR 2, 2017).

A Operação prato iniciou em setembro de 1977 e terminou em dezembro do mesmo ano, foram quatro meses de trabalho e investigação. Os oficiais andavam pela cidade coletando relatos e informações sobre tudo que estivesse ligado ao fenômeno chupa-chupa, faziam vigílias para observar e capturar imagens dos óvnis.

⁶ Embora tenha realizado várias buscas pelo documento citado entre muitos moradores e órgãos públicos no município, não encontrei nada que pudesse evidenciar a referida fonte.

Segundo o narrador 3 (2017), os oficiais andavam pela comunidade interrogando as pessoas, onde houvesse uma possível vítima ou avistamento de Óvnis eles logo chegavam para investigar. Eram homens sérios, observavam tudo com um olhar investigativo, no entanto, com o passar dos dias puderam constatar que as luzes realmente estavam lá, embora não soubessem a procedência delas, era notável que elas atacavam as pessoas.

Após quatro meses de investigação, a operação acabou repentinamente, sem motivos aparentes, os oficiais apenas recolheram seus equipamentos e registros e, sem apresentar explicações para o fenômeno chupa-chupa, se retiraram da ilha deixando o caso inacabado.

“A população precisou se acostumar com o que estava acontecendo e com o passar do tempo parece que foi sumindo” (NARRADOR 3, 2017). O terror pareceu diminuir e na mesma proporção os ataques foram diminuindo também, o aparecimento de Óvnis foi se tornando menos constantes e quando se deram conta as luzes não atacavam mais e nem apareciam com tanta frequência. A cidade foi retomando sua rotina e superando o medo.

Esse medo se converteu em ricos relatos e experiências que hoje servem de enredo para a história recente do município de Colares. Mundialmente conhecida como a cidade dos ETs, Colares se orgulha de tudo que viveu e repassa isso em suas gerações.

2.3. OUTRAS NARRATIVAS: O PERIÓDICO SOBRE UFOLOGIA

Um fenômeno atípico que acontece em uma determinada região, como fato isolado, gera comentários e interpretações e se esse fenômeno acontece simultaneamente em várias localidades isso tende a despertar mais o interesse de todos que tem a oportunidade de presenciar direta ou indiretamente o fato.

O fenômeno chupa-chupa, que é objeto do meu estudo, como vimos nos textos acima, ocorreu em regiões do Pará e do Maranhão na década de 1970, com mais intensidade no ano de 1977.

O mesmo assunto recebeu diversas leituras ao longo dos anos. Antes mesmo de chegar ao depoimento direto dos narradores, busquei fontes jornalísticas para

embasar a teoria de que o fenômeno não se deteve apenas a Colares ou a região paraense de modo geral. Diversos relatos apresentam o fato como comum e frequente em muitas regiões dentro e fora do nosso território.

Na época, a mídia jornalística foi bastante criticada por noticiar em suas páginas a aparição dos óvnis, foi acusada de fomentar o terror e o medo entre a população.

Na análise específica dos jornais, pude observar que a maioria das pessoas entrevistadas pelas fontes jornalísticas explicam os eventos ocorridos em 1977 pelo viés da religião. É possível perceber essa colocação ao explorar os diversos relatos de pessoas dizendo ser o juízo de Deus para os homens ou sinais do final do mundo. Senhoras religiosas propagavam essa informação e conseguiam adeptos à ideia. (O LIBERAL, 1977)

O que existiam eram conjecturas, o céu tem, naturalmente, em diversas religiões, uma associação ao divino, logo, as aparições que dominavam a imensidão do céu só poderiam ser advindas das regiões celestiais, digo celestiais no contexto de céu, morada de Deus, àquele que governa a Terra e o espaço (a partir de uma ótica cristã).

O temor era de ser deixado, excluído da recompensa digna dos homens bons e justos, com base nisso, o discurso da religião predominava com a pregação do arrependimento dos pecados ou a condenação eterna por intermédio das luzes que atacavam.

No entanto, existia também a massa composta por pessoas cétricas, pessoas que atribuíam o fenômeno e as aparições a meras coincidências com fenômenos físicos e geográficos ou então acidentes de falha humana, para explicar essa possível falha e descuido humano, retomo a manchete do jornal O Liberal do dia 19 de maio de 1977 que destaca a colisão de dois supostos óvnis no céu de Icoaraci-Pará, segundo a edição do dia seguinte (20/05/1977) do mesmo jornal o destaque é “Colisão no céu seria foguetes” (O LIBERAL, 1977, p.22).

Segundo essa edição do dia 22 de maio de 1977, dois foguetes de sinalização marítima teriam sido roubados do escritório de uma empresa marítima próxima ao local onde as luzes foram vistas.

Dentre essa massa cética podemos destacar os que fazem sátiras, atribuindo sexualidade ao nome chupa-chupa, isso surge do fato de as luzes atingirem as mulheres exclusivamente no seio esquerdo e os homens no pescoço, desencadeando assim uma série de gozações.

Um elemento que deu ênfase mundial ao chupa-chupa foram as informações publicadas em um periódico de circulação nacional, denominado de Revista UFO⁷ que é a única publicação brasileira especializada em Ufologia⁸ e uma das poucas existentes no mundo hoje. Fez uma série de reportagens completas sobre o fenômeno Chupa-chupa, tendo por destaque a “Operação Prato”. (UFO, 1997)

A Operação Prato e todo o ocorrido em Colares durante a investigação da Aeronáutica foi mantida no mais alto sigilo pela Força Aérea Brasileira. O comandante da Operação, o capitão Uyrangê Bolivar Soares Nogueira de Hollanda, com o nome de guerra Hollanda, guardou, por ordens expressas do I COMAR de Belém todo o conteúdo de sua missão, no entanto, vinte anos após o corrido, na ocasião o já na reserva da Aeronáutica e agora com a patente de coronel, concedeu uma entrevista exclusiva à revista UFO onde revelou todos os momentos marcantes vividos em Colares.

A edição 54 da revista UFO, publicada em outubro de 1997, traz a manchete “Coronel que coordenou pesquisa ufológica secreta na Amazônia dá entrevista exclusiva à Revista Ufo” conforme dados coletados no sitio eletrônico da Revista Ufo. É fácil notar o olhar que a revista traz a respeito da temática ao atribuir notoriamente às luzes, o Chupa-chupa e todos os acontecimentos uma ação diretamente provocada pela presença efetiva de seres extraterrestres.

Na entrevista, o Coronel nomeia-se um antigo admirador da Ufologia e se diz acreditar em vida extraterrestre, no entanto, ao ser destacado pela I COMAR para

⁷ A Revista Ufo é um periódico mensal, que se configura como uma publicação especializada na área de ufologia, fundada em março de 1988 é, a mais antiga revista ufológica em atividade regular em todo o planeta (site Revista UFO, 2017)

⁸ Ufologia (ou ovniologia) é o estudo de todas as hipóteses, evidências ou registros visuais dos ufos. UFO é a sigla de *Unknown Flying Objects* que significa Objetos Voadores Desconhecidos. É o mesmo que OVNI - Objetos Voadores Não-Identificados, de onde deriva a palavra "ovniologia". SIGNIFICADOS. Significado de Ufologia. [significados.com.br](http://www.significados.com.br), 2017. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/ufologia/>>. Acesso em: 27 junho 2017.

comandar a Operação Prato, ele seguiu para a cidade de Colares com uma missão investigativa, onde suas concepções pessoais não deveriam ser ativadas, visto que ali a sua tarefa era uma questão de segurança nacional e estava encarregado de desvendar o mistério que assolava a Ilha de Colares.

Antes que a missão fosse iniciada, o coronel afirma a existência de outras pesquisas preliminares na região amazônica acerca de fenômenos ufológicos, em virtude de as aparições serem constantes ao ponto de atrapalhar a rotina de outras cidades além de Colares.

A missão teve início em setembro de 1977 e durou até dezembro do mesmo ano. Durante os quatro meses passados na Ilha o coronel ouviu dezenas de relatos que eram assustadores e inusitados até mesmo para ele que já teria vivido outras experiências com Ufos antes da missão. Dentre esses depoimentos do coronel a revista Ufo, destaca o relato de uma senhora que diz ter sido atacada pelo Chupa-chupa dentro de sua casa enquanto fazia uma de suas crianças dormir em uma rede e que a temperatura do ambiente em que estava começou a mudar e logo em seguida a telha de sua casa (sendo atingida pela luz) trocou de cor até o ponto de ficar transparente, possibilitando a ela a oportunidade de ver o céu e as estrelas, em seguida a luz que tornou a telha translúcida a atacou e sugou o seu sangue (UFO, 1997)

No período decorrente a operação, capitão Hollanda afirma ter capturado mais de 500 imagens de luzes e óvnis no céu de Colares por meio de fotografias e vídeos, os objetos possuíam formatos e tamanhos variados, que segundo ele, iam de pequenos até tamanhos exagerados.

As imagens capturavam apenas luzes (devido a distância, altitude e locomoção dos óvnis), porém a olho nu era possível observar objetos variadíssimos, desde sondas que aparentavam ter tamanho de um tambor de óleo de 200 litros a grandes naves que possuíam janelas e portas peculiares.

“Eles, seja lá quem fossem, mostravam ter absoluta certeza de onde nós estávamos e o que fazíamos. Pareciam que nos procuravam, pois quando menos esperávamos lá estavam, bem em cima da gente... Não mais do que um mês depois de passarmos a conviver nos locais de aparições, essas sondas começaram a vir sempre até nós. Às vezes, a gente se deslocava de um lugar para o outro e lá elas iam acompanhando-nos quase o tempo inteiro, como se tivessem conhecimento da nossa movimentação” (HOLLANDA, 1997, apud site revista UFO, 1997)

Percebemos na citação acima que o coronel Hollanda sugere inteligência e tentativa de contato por parte das luzes do Chupa-chupa, segundo ele, essas sondas com aparência de tambor de óleo de 200 litros, como o nome sugere, tinham a função de sondagem, ou seja, investigar o trabalho exercido pela Força Aérea Brasileira.

Durante a missão as incidências eram diárias e muito ativas e o coronel Hollanda preparava relatórios diários com informações sobre os objetos avistados, informações como: formato, cor, altura, localização, tempo de observação e qualquer outra informação relevante. Esses relatórios eram repassados frequentemente para o comando geral da Força Aérea Brasileira em Belém.

Após 20 anos de silêncio o coronel decide contar suas experiências e por já ser um oficial na reserva não vê problemas nisso, antes qualquer palavra dita por ele seria interpretada como opinião pessoal da FAB e por esse motivo foi orientado a manter sigilo total.

Uma equipe médica foi destacada para Colares para auxiliar nos cuidados aos atingidos pelas luzes, todos os dias pessoas chegavam em busca de socorro, a possibilidade de uma alucinação coletiva foi levantada, mas logo as evidências desmistificaram essa possibilidade. Em Colares não foi registrado caso algum em que a vítima chegasse a óbito.

A entrevista do coronel Hollanda foi dividida em duas edições da revista, edição 54 publicada em outubro de 1997 e a edição 55 publicada em novembro de 1997. Em sua particularidade, ele acreditava que as luzes e os ataques eram advindos de seres extraterrestres, inclusive ele relata na Edição 55 da Revista Ufo que teve contatos muito próximos com essas naves, que uma delas ficou a menos de 100 metros de distância dele e de sua equipe e que esta suposta nave teria o formato de uma bola de futebol americano de aproximadamente 100 metros de comprimento e se posicionou em pé diante deles, lá permaneceu por cerca de 3 minutos, possibilitando a eles registrar o corrido em fotos e vídeos.

Capitão Hollanda compreendeu que possuía o arquivo necessário para a comprovação da existência de seres extraterrestres, porém, ao demonstrar os vídeos e ao expressar a sua opinião de que “eles” existiam e estavam desejosos em

manter contato, o coronel recebe a ordem de interromper a Operação, dando assim por encerrada sem um veredito final.

Na edição 55 que relata a segunda parte da entrevista do Coronel, uma notícia inusitada:

“Faleceu o coronel Uyrangê Bolivar Soares Nogueira de Hollanda Lima, nosso entrevistado nesta e na edição anterior, o homem que comandou a Operação Prato. A notícia de seu falecimento, ocorrido em 02 de outubro, às 23:00 h, foi um choque para todos os que o conheciam – e ainda maior para os que o admiravam” (UFO, 1997)

O falecimento do coronel aconteceu antes mesmo de sua entrevista ser publicada na edição 54 da revista Ufo, isso causou um grande choque e muitas especulações, sua morte foi veiculada a “queima de arquivo”, supondo que o coronel teria sido assassinado por “falar demais”.

Apenas na Edição 76, publicada em janeiro de 2001 é que a Revista Ufo volta a se pronunciar sobre a morte do coronel, afirmando em um artigo escrito por Marco Antônio Petit que o coronel teria se suicidado. Na época, surgiram muitas especulações de que ele teria se suicidado por medo de “contar a verdade” sobre a Operação Prato ou então teria sido executado por conta de suas revelações. A Revista Ufo desmistifica isso ao afirmar que o coronel sofria, vários anos, de um processo depressivo, que o havia levado antes a uma tentativa falha de suicídio e esse processo se agravou levando-o ao suicídio consumado.

Ao analisar os relatos das testemunhas pude compreender que a vida dos personagens envolvidos nessa história, inclusive dos moradores da cidade de Colares foi marcada significativamente pelo fenômeno chupa-chupa, toda uma cidade marcada por fatos inexplicáveis até os dias atuais. A imagem simbolicamente veiculada sobre um óvni e um extraterrestre é até hoje veiculada e associada a imagem da cidade de Colares e isto demonstra o tanto quanto esse fenômeno faz parte do imaginário popular desse município.

Portanto, as minhas inquietações iniciais surgiram justamente da questão de que as escolas do município de Colares não utilizariam essa discussão em suas dinâmicas curriculares e ou atividades extracurriculares.

Quanto as narrativas atravessadas nos entrevistados e/ou veiculadas nos periódicos aqui elencados, pode perceber que ao perguntar para os moradores selecionados para as entrevistas, sobre a opinião particular de cada um deles sobre o fato ocorrido, nenhum dos narradores conseguiu afirmar o que teria de fato acontecido. É como se não ousassem rotular o que lhes é indesvendável. O que sabem é que luzes coloridas apareceram nos céus de Colares, luzes coloridas, que rasgavam o céu a uma velocidade incrível e que sugava o sangue de quem julgavam escolhidos. Seriam Extraterrestres em seus Discos Voadores? Testes de armas nucleares? Histeria coletiva? O que sabemos é que a Ilha de Colares nunca mais foi a mesma depois do fenômeno chupa-chupa.

Portanto, neste capítulo, procurei entrelaçar as narrativas e investiguei as memórias dos moradores de Colares acerca do fenômeno chupa-chupa e pude constatar que os relatos são ricos e possuem diferentes leituras por parte da população e dos entrevistados. Porém, as outras fontes investigadas mostram interpretações diferenciadas como os jornais utilizados como fonte que expressam as múltiplas leituras dos moradores que são atravessadas por explicações desde ordem religiosa, como o “fim do mundo”, ou “castigo de Deus” até questões fantasiosas. Mas ao apresentar a revista Ufo que se propõe como um veículo especializado na área da Ufologia, com uma apreensão de um saber próximo à ciência, as interpretações são diferentes e aproximam-se da presença de extraterrestres em seus objetos voadores não identificados pelos céus da Amazônia brasileira e, em particular, da ilha de Colares.

3 – O CHUPA-CHUPA E O ENSINO DE HISTÓRIA NAS SERIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A história de uma localidade é fator fundamental para a identidade de um povo e o ensino dessa disciplina deve conter elementos que possam tratar sobre a história local e neste sentido ressalto que as minhas inquietações iniciais sobre essa temática partiram justamente por perceber um distanciamento entre os conteúdos trabalhados na disciplina e as questões mais próximas a realidade imediata dos nossos alunos.

Entendo que o chupa-chupa representa um fato de extrema importância para o município de Colares e da região nordeste do estado do Pará. No entanto não aparece nos manuais didáticos e nem nas propostas pedagógicas das escolas no referido município.

Assim, a minha pretensão para este capítulo consiste em Compreender a importância das narrativas sobre o fenômeno do chupa-chupa para a história local e o ensino de história nas séries iniciais do ensino fundamental

3.1 - O ENSINO DE HISTÓRIA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A disciplina de História é um elemento presente no currículo que abrange as séries iniciais do ensino fundamental, com carga horária reduzida, mas que traz conceitos que se bem estabelecidos nesse período da educação poderão influenciar na construção de cidadania do educando, constituindo-se enquanto cidadão emergente em uma sociedade cheia de pluralidades. O respeito às diferenças e a interação com povos distintos, conhecimento da sua própria história e da história do outro; a apropriação de seus direitos e deveres, valores e noções conceituais fundamentais para a compreensão de sociedade, são alguns elementos destacados no ensino de história nas séries iniciais.

"A construção desses conceitos é importante, pois todos serão ampliados nos anos seguintes, assumindo graus de complexidade cada vez maiores" (HIPÓLIDE, 2009, p. 19), ou seja, mesmo tendo carga horária reduzida, e não recebendo o devido valor mediante as outras disciplinas, a história contribui ininterruptamente na formação do aluno desde as séries iniciais desde questões simples como sujeito e sociedade, até as séries posteriores com situações mais complexas sobre a pluralidade cultural e o respeito às diferenças.

As séries iniciais são apenas a margem, o começo de uma longa caminhada na construção do saber histórico do aluno, nesse nível da educação o aluno poderá assimilar ensinamentos que os direcionará a um caminho de busca por mais conhecimentos ou, ao invés disso, será reposicionado para um caminho de distanciamentos e desinteresse por determinados elementos de conhecimento se não, por grande parte deles. Ressalto que o papel do docente na condução desse

processo é fundamental, pois nesse nível de ensino, a disciplina está sob responsabilidade dos profissionais da pedagogia que não tem formação específica para atuar na área de história, o que pode ser afirmado a partir do conceito de que o profissional da pedagogia ao lidar com o ensino de história nas séries iniciais tem “a necessidade de buscar novos conhecimentos produzidos em outras áreas pela sua própria autonomia ou por sua inserção em programas de formação continuada ao longo de sua vida docente” (NASCIMENTO; MORAIS, 2013)

Em tese isso quer dizer que, se o aluno não dispuser de um bom ensinamento e se não for defrontado com um ensino dinâmico de uma história que estabeleça a relação do passado a partir de seu presente, com dinamismo e contextualização, ele poderá perder o interesse pelo estudo de questões triviais da vida, questões essas que emergem ou estão ligadas a história e/ou até mesmo quaisquer outras disciplinas. Vale ressaltar que a minha indiferença quanto aos conteúdos de história em minha fase escolar, conforme citei anteriormente nesse estudo, decorrem de situações pedagógicas justamente que me conduziram para esse distanciamento.

O professor e a escola têm em suas mãos a possibilidade de formar cidadãos críticos e pesquisadores ou cidadãos conformados e sem pretensões de adquirir mais conhecimentos.

O sujeito precisa ter orgulho de sua história e prazer em conhecê-la, a disciplina de história vem como grande contribuinte nesse processo de aproximação do sujeito com sua história, cultura, realidade, tempo, e crítica sociocultural, mas para isso precisa ser levada a sério desde as séries iniciais. Para Bittencourt (2005) o ensino de história deve ser pensado para além de grandes personagens heroicos e datas cívicas, para além de comemorações, que também são importantes, mas deve-se considerar a cultura, a organização social.

O ensino de história nas séries iniciais é o alicerce para o aluno obter um bom desenvolvimento em questões mais complexas de cidadania e sociedade que surgirão ao longo de sua vida, a partir do que se aprende nesse período podem-se desenvolver alunos com grandes intenções investigativas futuras ou o surgimento de alunos que se configuram como educandos que, a grosso modo de dizer, "empurram com a barriga" e aprendem apenas o essencial para obter as notas

mínimas estabelecidas pelas instituições de ensino para serem promovidos em sua vida escolar, portanto, a disciplina de história nas séries iniciais, possui um caráter altamente formador.

Sobre o ensinar história no ensino fundamental, o PCN de história afirma que:

"O ensino e a aprendizagem de História envolvem uma distinção básica entre o saber histórico, como um campo de pesquisa e produção de conhecimento do domínio de especialistas, e o saber histórico escolar, como conhecimento produzido no espaço escolar" (BRASIL, 1997, p. 29)

Difere assim o conhecimento obtido pelo historiador e o conhecimento cabível a escola produzir e compartilhar com seus alunos.

Nesse contexto, o saber histórico escolar visa selecionar parte do saber histórico do historiador fazendo um reajuste com os saberes advindos dos alunos e professores, fazendo assim um reagrupamento contextualizado, objetivando estabelecer a delimitação de três conceitos fundamentais: o de fato histórico, de sujeito histórico e de tempo histórico (BRASIL, 1997)

Sintetizando, Fatos históricos são elementos tais como eventos políticos, datas cívicas e às ações de heróis nacionais. "Em uma outra concepção de ensino, os fatos históricos podem ser entendidos como ações humanas significativas" (BRASIL, 1997, p. 24). O sujeito histórico, são sujeitos que desempenham ações significativas para a nação e atos considerados heroicos.

Já sobre o conceito de tempo histórico o PCN afirma:

"O tempo pode ser apreendido a partir de vivências pessoais, pela intuição, como no caso do tempo biológico (crescimento, envelhecimento) e do tempo psicológico interno dos indivíduos (ideia de sucessão, de mudança). E precisa ser compreendido, também, como um objeto de cultura, um objeto social construído pelos povos, como no caso do tempo cronológico e astronômico (sucessão de dias e noites, de meses e séculos)." (BRASIL, 1997, p. 30)

O tempo histórico está diretamente ligado às vivências do aluno, fazendo referência a ele mesmo e a todos os elementos de seu convívio, desde tempo cronológico a tempo de fatos ocorridos, como parte dessa conectividade que abrange um todo. Compreende-se que ambos os conceitos fundamentais partem diretamente da realidade do aluno para um contexto plural onde está inserido, a

partir de uma concepção paraense, amazônica, ele entende uma realidade espacial que engloba uma cultura brasileira.

Pode-se dizer que o aluno no ensino fundamental além de receber o conhecimento produzido pela escola, pode também contribuir com suas percepções para que esse conhecimento se desenvolva em sua vida e possa colaborar com sua formação de cidadania, fica claro que é fundamental o estímulo do interesse do aluno pela história desde esse momento da educação.

O ensino de história para os alunos das séries iniciais traz indagações pertinentes sobre como deve acontecer a procedência desse ensino para a criança, indagações como:

"Como, nessa faixa etária, ela poderá interagir e construir o conhecimento histórico? Quais são os níveis de desenvolvimento físico, intelectual, social e emocional que ela apresenta e que podem ser utilizados na construção do saber histórico?" (HIPÓLIDE, 2009, p. 19).

Considerando que há entre as crianças peculiaridades e diversidades em função ao ambiente, contexto social e econômico. Pode-se dizer com base em indicadores que nas séries iniciais, que o ensino de história para crianças dessa faixa etária que compreende turmas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental de 9 anos, precisa ser contextualizado e claro, visto que a criança está em processo de alfabetização e por isso aulas com pouco conteúdo de texto e teoria facilitam na construção do saber histórico.

"De maneira geral, aos sete anos, as crianças apresentam disposição diante da proposta de aprendizagem e demonstram boa capacidade de atenção e concentração. Entretanto, a capacidade de abstração não é igual a de crianças com mais idade e assunto como tempo, sociedade e, cultura podem se tornar enfadonhos se não forem trabalhados de modo dinâmico e lúdico. Para que a construção do conhecimento se realize e para que haja aprendizagem é preciso lançar mão de atividades concretas. Nesse sentido, a leitura de fotos, a observação de obras de arte, o desenho e as pinturas, as brincadeiras, a dramatização, e a criação de histórias são, entre outros, recursos valiosos". (HIPÓLIDE, 2009, p. 19).

As crianças de 7 anos de idade são as que compõem o segundo ano do ensino fundamental, conforme citado acima, a autora define que essas crianças possuem um interesse pelo aprender, trazem consigo à vontade nata em compreender o mundo que as cerca, no entanto precisam ser estimuladas com elementos pedagógicos que contemplem suas expectativas. Se faz desnecessário o

uso de textos longos e enfadonhos, nesse período da educação o ensino de história precisa ser atrativo e dinamizado.

Os alunos apresentam uma grande disposição em aprender, porém dependem da disposição dos professores e de suas instituições de ensino para tornar esse saber dinâmico e prazeroso, dependem que os educadores busquem métodos e maneiras diferenciadas de atraí-los para o estudo de história. Ainda segundo Hipólide (2009), as crianças de 7 anos não estão aptas para analisar textos longos e enfadonhos, por isso leitura de imagens, histórias e outras atividades lúdicas são bem proveitosas nesse momento.

As crianças de 3º ano, com idade igual a oito anos (a maioria), segundo a autora, já apresentam uma ampliação de vocabulário, possibilitando a inserção de registros escritos, mas nunca descartando a contextualização e o dinamismo. Sobre isso a autora ressalta: "É recomendável que [...] se busque envolvê-las em atividades motivadoras e dinâmicas. Tais atividades ainda devem ater-se ao concreto e ao cotidiano" (HIPÓLIDE, 2009, p. 38).

Para as crianças de 9 e 10 anos, que, em tese, já estão alfabetizadas e já possuem uma capacidade interpretativa abstrata, pode-se variar nas atividades e dinamismo (HIPÓLIDE, 2009). Observe, que a autora sempre enfatiza a questão da dinamicidade ao trabalhar a história, ressalta a importância de trazer o concreto da criança para seu ambiente escolar, um trabalho de ensino que engloba questões cotidianas e que não estejam distantes das vivências da criança.

Um ensino gradativamente aperfeiçoado, com elementos que atendam às necessidades e expectativas das crianças conforme o período da educação em que estejam inseridas. Deste modo o ensino de história nas séries iniciais deve acontecer, respeitando os limites de cada criança e trazendo para dentro de sua vida escolar a sua vida sociocultural.

Nas séries iniciais o professor precisa desencadear uma busca por práticas inovadas, aderir a uma modalidade de ensino contextualizado e dinâmico, onde o aprender está sempre associado ao prazer pela busca do conhecimento de si mesmo e de sua comunidade, uma curiosidade nata da criança sendo aguçada e explorada com fins pedagógicos onde a própria criança será beneficiada com suas descobertas e aprendizados ao longo desse ciclo da educação. Levando sempre em

consideração que são ensinamentos que responderão desde questionamentos mais simples à questões mais complexas nas séries posteriores.

3.2 – OS PCN’S A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA LOCAL

O ensino de história nas séries iniciais, como vimos nos textos acima, possui um caráter formador do indivíduo, traz em seu currículo ensinamentos que nortearão o aluno desde questões simples até as mais complexas que permearão sua vida no sentido de homem quanto elemento constituinte de uma sociedade e que se forma como cidadão com direitos e deveres para com sua comunidade, sua naturalidade e sua pátria. Um cidadão que busca compreender a história de sua nação, precisa antes de tudo conhecer-se a si mesmo e ao núcleo de onde emerge e expande para essa sociedade plural.

Suponhamos que um sujeito nascido e crescido em uma comunidade peculiar jamais se importasse ou sequer fosse incentivado em conhecer a formação de suas origens e de sua cultura, crescesse alheio ao que lhe cerca, sem considerar sua origem amazônida, indígena ou até mesmo estrangeira, não procurasse reconhecer-se como elemento singular de uma cultura ímpar que em grande escala se mistura com uma pluralidade e diversidade enorme chama mundo, como seria possível esse sujeito compreender o mundo em que vive sem antes conhecer o espaço que o cerca?

Nesse sentido, compreendo que o sujeito parte de sua localidade para o mundo, das particularidades e peculiaridades de sua gente para o contexto global. É compreendendo suas raízes que saberá que outras comunidades e povos, assim como o dele, também tiveram suas formações e sua história que é tão digna de respeito quanto a dele, é aprendendo a respeitar a sua história que compreenderá a importância de respeitar a história do outro e assim viver com dignidade em meio a uma sociedade tão mista.

Sobre o ensino de história e seus objetivos, nessa fase de formação do sujeito que é as séries iniciais do ensino fundamental, trago uma discussão acerca do PCN de História e Geografia, que fundamenta as pretensões para essa disciplina. O PCN de História é uma bússola para orientação dos professores que trabalham com essa disciplina, mesmo que sejam professores sem formação específica na área, mesmo que em sua grande maioria sejam pedagogos, o PCN norteia suas

ações direcionando para ensino que contemple as necessidades das crianças visando sempre seu progresso na educação e na formação, visto que o profissional que atua nas séries iniciais é o pedagogo que em sua formação não recebe um auxílio específico para atuar no campo da história.

Para o ensino de História ao longo do ensino fundamental, o PCN propõe como objetivo geral que gradativamente o aluno seja capaz de ler e compreender sua realidade, assumir sua posição como cidadão e ter a capacidade de fazer escolhas criteriosas (BRASIL, 1997).

No que tange o primeiro ciclo da educação, o PCN traz propostas de ensino que estão diretamente ligadas às vivências do aluno, compreende que ele precisa conhecer a sua realidade antes mesmo de expandir para uma realidade nacional e por fim global, o aluno chega a escola com seus conhecimentos prévios, estabelecido em relações familiares e dentro de seu convívio social. Conhecimentos diversos acerca de questões triviais e até mesmo questões mais amplas debatidas e perpassadas pelos integrantes de sua família, cabe a escola selecionar esses saberes fazendo uma triagem e uma reconstrução unindo o saber empírico do aluno ao saber histórico e assim iniciar o processo de aprendizagem que direcionará o aluno em sua vida social e cidadã.

Por isso, inicialmente o ensino de História se volta a fazer o aluno compreender as semelhanças e diferenças, permanências e transformações do espaço onde vive, cultura e economia de sua região a partir da leitura de diferentes fontes (BRASIL, 1997). A criança precisa compreender que o espaço onde vive sofreu e continua sofrendo mudanças, tanto mudanças físicas quanto estruturais. O espaço por ela ocupado, em outro momento foi ocupado por outras famílias que vivenciaram outras realidades e essas realidades causaram mudanças e interferências na realidade em que ela vive hoje, compreender que o perfil das famílias muda de acordo com sua economia e até mesmo concepções, observando as variações o aluno se torna capaz de perceber e compreender essas questões supracitadas no PCN, a escola é a organizadora desses conhecimentos e o professor atua diretamente no estabelecimento dessas relações esclarecedoras do indivíduo e sua realidade, portanto a compreensão da história de seu lugar lhe proporciona uma compreensão do que se vive na atualidade.

Nos diálogos estabelecidos no convívio familiar, desde pequenas as crianças recebem uma carga de informações baseadas no senso comum, são percepções particulares dos sujeitos com quem ela convive, são valores, ideais, costumes, tradições, lendas, mitos, etc. A criança recebe as mais variadas informações e nesse sentido a escola desenvolve um papel fundamental na organização e seleção desses saberes, introduzindo o saber histórico como elemento condensador desses conhecimentos assimilados.

A forma de conduzir esse redirecionamento dos saberes e introdução de novas descobertas se dá gradativamente e de acordo com as etapas de ensino que a criança enfrenta. No primeiro ciclo, as crianças estão no processo de alfabetização, ainda estabelecendo uma relação de aproximação com a leitura e a escrita, por isso deve-se abordar os temas sempre com dinamicidade e trazer sempre os assuntos próximos ao aluno, sobre isso Hipólido (2009) ressalta que é desinteressante trabalhar assuntos alheios à realidade da criança.

O professor é o mediador entre as fontes e o aluno, nesse processo de aprendizagem cabe a ele dinamizar e contextualizar os conteúdos a serem trabalhados, de modo que atinja as determinações do PCN. Nesse primeiro momento o tempo histórico é o elemento que desencadeará a série de questionamentos que virão. O aluno deve compreender os critérios de anterioridade ou posterioridade e simultaneidade; conhecendo a proporção de tempo, o aluno poderá comparar e relacionar acontecimentos passados com seu tempo presente.

Por exemplo, na cidade de Colares, as crianças se deparam com um cenário geográfico totalmente enredado com histórias e monumentos alusivos aos extraterrestres, um cenário visual que apresenta em sua estrutura estatuetas, pinturas, monumentos, artigos decorativos, desenhos, artesanato, músicas, além de blocos carnavalescos e roupas temáticas. Isso tudo é fruto de um tempo anterior vivido pela comunidade que hoje o aluno é parte, penso que sem um direcionamento ele não será capaz de compreender essas alterações visuais e culturais em sua cidade, a não ser que lhe seja proporcionada essa compreensão pela escola que é a responsável em condensar todo esse senso comum com base histórica.

O ensino de História para as séries iniciais possui metas a serem alcançadas, e como já mencionei anteriormente, segundo o PCN essas metas partem do

contexto do aluno para uma colocação mais ampla da sociedade, por isso, nesse primeiro momento, que são as séries iniciais, alguns dos principais objetivos do ensino de história para esse ciclo é que o aluno compreenda as diferenças e semelhanças sociais, econômicas e culturais existentes em seu convívio, bem como as permanências e transformações sociais ocorridas nos indivíduos e na localidade onde vive (BRASIL, 1997).

O PCN traz como eixo temático para as séries iniciais a história local e do cotidiano, sobre isso observe:

"Os conteúdos de História para o primeiro ciclo enfocam, preferencialmente, diferentes histórias pertencentes ao local em que o aluno convive, dimensionadas em diferentes tempos. Prevaecem estudos comparativos, distinguindo semelhanças e diferenças, permanências e transformações de costumes, modalidades de trabalho, divisão de tarefas, organizações do grupo familiar e formas de relacionamento com a natureza. A preocupação com os estudos de história local é a de que os alunos ampliem a capacidade de observar o seu entorno para a compreensão de relações sociais e econômicas existentes no seu próprio tempo e reconheçam a presença de outros tempos no seu dia-a-dia." (BRASIL, 1997, p. 35)

O estudo da história local proporciona ao aluno a possibilidade de vivenciar e discutir no tempo presente as ações executadas em tempos passados, possibilita ao aluno reconhecer em seu tempo as ações realizadas em tempos anteriores ao seu, fazendo assim uma relação entre as realidades para obter respostas para questionamentos emergentes nesse processo de desenvolvimento quanto cidadão. A escola desempenha o papel de esclarecer e destacar essas diferenças, trazendo a compreensão do aluno acerca das diversidades e variações existentes no meio de seu convívio social.

Assim, o ensino de história nas séries iniciais procura fazer com que o aluno compreenda algumas semelhanças e diferenças sociais, as variações de cultura e convívio existentes em sua localidade, os impactos que os elementos e fatos locais causaram em sua formação e na formação de sua comunidade e que se perceba como elemento de uma cultura local idiossincrático que é pertencente a uma cultura global e pluralizada, adquirindo assim a capacidade de posicionar-se e de interagir com o meio e com a sociedade. Por isso, os Parâmetros Curriculares Nacionais de História e Geografia propõem para o ensino de história nas séries iniciais esse trabalho que surge do contexto do aluno proporcionando um autoconhecimento para um conhecimento mais amplo.

3.3 – PRESCRIÇÕES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E A VALORIZAÇÃO DE HISTÓRIA LOCAL NO MUNICÍPIO DE COLARES.

O ensino de história se tornou um grande elemento de debate, primeiramente um debate pessoal decorrente de concepções formadas a partir de minhas experiências passadas e pouco exitosas e posteriormente a abertura para um debate cogitando a possibilidade de o conhecimento histórico ser o fundamento para minha pesquisa no meu Trabalho de Conclusão de Curso na Universidade Federal do Pará por meio do Programa de Formação de Professores (Parfor). Portanto, as minhas inquietações para esse estudo pareciam estar latentes desde a minha infância enquanto aluna das séries iniciais, mas ficaram adormecidas até a minha vida adulta em fase acadêmica e agora abre-se novas perspectivas.

Como relatei no primeiro capítulo deste estudo, fui uma criança curiosa e com aspirações à pesquisa histórica. Encantada por esculturas, igrejas, monumentos e o mistério sempre envolto nessa disciplina/ciência, amava a história antes mesmo de saber que ela era a história. Quando me deparava com relatos de acontecimentos antigos de minha cidade, de minha comunidade ou de minha família eu sempre ouvia tudo com muita atenção e gostava de repassar isso para meus colegas de escola e/ou de vizinhança. Uma vontade de aprender sempre mais e dividir com os outros o que eu aprendia, uma construção de saberes que acontecia individual e coletivamente mesmo que eu nem percebesse.

Eram Indagações pertinentes que me ajudariam desde questões simples até as que se tornariam mais complexas e reveladoras ao longo de minha vida escolar. Infelizmente as minhas inquietações e investigações foram tolhidas por uma prática docente que talvez, assim como muitos, não tivesse recebido a capacitação necessária para trabalhar o ensino de história, isso é ressaltado pela consideração de Nascimento; Moraes (2013) quando diz que o profissional que trabalha nas séries iniciais precisa buscar por mérito próprio a capacitação para atuar no ensino de história.

Aqui surge uma questão que deve ser considerada, o professor das séries iniciais do ensino fundamental é graduado em pedagogia mas tem a obrigatoriedade de trabalhar todas as disciplinas do currículo desse nível de ensino e não recebe uma preparação aprofundada para o ensino de História e por muitas vezes, em

algumas realidades o professor não possui nenhuma graduação de ensino superior, ele leciona apenas com o ensino médio completo com formação em magistério.

Minha professora nas séries iniciais não utilizou o dinamismo proposto por Hipólide (2009) que defende um estudo dinâmico e contextualizado no ensino de história, ao invés disso utilizava métodos enfadonhos e descontextualizados que me faziam querer deixar de aprender. Utilizava textos longos que para mim não faziam sentido algum.

Porém, penso por vezes que existem grandes possibilidades de ela ter feito isso sem se dar conta da gravidade do que fazia, sem perceber os efeitos colaterais causados por uma prática ineficaz, visto que nas disciplinas tomadas como fundamentais, que são a língua portuguesa e matemática, ela era eficiente e foi totalmente capaz de me alfabetizar, me fez aprender a ler e eu lia sem titubear. Aqui desponta um questionamento a partir de Freire (1989) quando diz que “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 1989, p. 9), a leitura da palavra não pode eliminar a leitura de mundo da criança e tão pouco interromper. A primeira leitura que se faz é a do mundo pequeno que nos movemos.

Olhando para minha professora nessa minha fase escolar, olho para mim mesma enquanto professora das séries iniciais que também fui/sou e acredito mais ainda na possibilidade de um erro inconsciente pelo fato de eu mesma ter agido assim por tempos sem compreender a dimensão de que meus atos poderiam estar fazendo com que meus alunos perdessem o interesse pela história e pela pesquisa, precisei chegar ao ambiente acadêmico, ou melhor, na construção do meu TCC que seguiria outros contornos com a mesma temática sobre o chupa-chupa para me conscientizar de toda essa realidade, precisei me confrontar com situações que me fizeram refletir sobre o estudo de história e compreender que o estudo da mesma vai para além de personagens históricos, vai para além de datas comemorativas, não apenas o estudo, mas a docência também.

Minhas inquietações adormecidas retomaram atividade (mesmo que não percebesse no primeiro momento) assim que ingressei na Universidade Federal do Pará para cursar a licenciatura em Pedagogia na cidade de Colares. Nessa cidade percebi a grande influência do chupa-chupa sobre a história e a cultura local como

seus contornos na oralidade dos moradores dessa comunidade. A medida que fui conhecendo os relatos dos moradores toda aquela curiosidade foi ressurgindo em mim e me redirecionando para o estudo do fenômeno e ensino dele através da disciplina de história nas séries iniciais.

A princípio tudo me pareceu um tanto irônico. Logo eu que detestava história? Foi aí que refleti sobre minha vivência nas séries iniciais e percebi o quanto a história foi/era/poderia voltar a ser importante para mim e para meus alunos. Acredito que muitas crianças passam pelo que passei e acredito também que seja possível mudar essa realidade se seguirmos por outros trajetos na forma de conceber o conhecimento histórico e nas condutas pedagógicas no ambiente escolar e mesmo com a orientação dos PCNs de História para um estudo mais contextualizado e aproximado das crianças, partindo de sua realidade para um todo, a fim de que ela reconheça as suas singularidades as diferenças em relação ao outro, não somente diferenças pessoais, mas também tudo que ocorre e modifica o espaço onde ela vive e os impactos que isso causa na sua história local (BRASIL, 1997).

Olhando para o ensino de história nas séries iniciais na cidade de Colares, percebo a importância do fenômeno chupa-chupa como elemento que surge de dentro do contexto da criança e o quanto isso é presente em seus lares nas narrativas de seus familiares. Em seu ciclo familiar a criança recebe uma série de informações baseadas em vivências e concepções de seus familiares e de seu convívio social, o chupa-chupa esteve frequente desde a década de 1970 nas narrativas dos moradores da ilha e isso é muito constante até os dias de hoje. As crianças colarenses ouvem e aprendem desde cedo sobre as luzes que atacavam seus familiares, aprendem isso em suas casas com base nas vivências e narrativas de seus contemporâneos.

A escola precisa acolher esses saberes e a partir dessa realidade próxima da criança trabalhar noções de história local e o estudo do lugar conforme o PCN traz como eixo temático. A narrativa deve ser valorizada nesses ambientes escolares. Retomo aqui as discussões que vivenciei em minha casa, quando aluno das séries iniciais, discussões com base no senso comum de meus pais que me enchiam de curiosidade e me faziam querer ir em busca do aprimoramento dessas informações,

no entanto a minha professora só queria trazer para sala de aula assuntos como as plantações de café, não que o café não seja relevante, mas para minha realidade, para mim que vinha do lar e estava cheia de conhecimentos advindos do senso comum dos meus pais, tudo parecia sem sentido.

A escola precisava reagrupar esses saberes e associá-los ao saber história e em uma triagem aprimorar o que estava construindo em minhas ideias ou então desmistificar o que seria irrelevante. A partir dessa ideia que proponho uma inserção mais aprofundada do fenômeno chupa-chupa no ensino de história nas séries iniciais em Colares.

Das crianças que residentes em Colares e que possuem idades que se encaixam nessa fase escolar têm parentes que vivenciaram os fenômenos de 1977 e/ou que conhecem pessoas que viveram os momentos fatídicos daquele ano. Momentos que foram descritos nesse trabalho e que possuem uma rica narrativa.

Hoje, tendo uma reflexão quanto a uma aluna distanciada do prazer de estudar história nas séries iniciais por uma atuação docente ineficaz de minha professora nessa área, quanto a docente que repetiu o descaso com essa disciplina ao ensinar seus alunos e agora como pedagoga que reencontrou o interesse pela história e que entende que o estudo da mesma é formador e essencial, sugiro algumas práticas que podem ser atrativas aos alunos das séries iniciais no município de Colares e assim promover mais aproximações do que distanciamentos nessa fase.

Proponho trazer para a sala de aula esses relatos e narrativas que são interessantes para as crianças, possuem uma composição histórica e até mesmo literária. O estudo de uma memória coletiva e não apenas de um indivíduo, uma memória coletiva que segundo Silva; Silva (2004) é interessante ao historiador. Essa memória possui relatos individuais na particularidade de cada família e que se completam na coletividade da comunidade, visto que cada morador da ilha de Colares teve sua experiência e proximidade do fenômeno chupa-chupa.

Aulas em que moradores antigos e/ou parentes das crianças fossem levados para a sala de aula e recebessem a oportunidade de relatar suas experiências vividas na década de 1970 trariam um dinamismo ao ensino de história e a partir do grau de parentesco do narrador com alguma das crianças matriculadas na turma,

trazer a debate assuntos do currículo para o ensino de história, tais como família e sociedade.

Como segunda proposta, sugiro a construção de um livro com narrativas históricas do local; nessa proposta não apenas o chupa-chupa seria notado, mas também todas as mudanças ocorridas na localidade por conta do fenômeno. Mudanças sociais, históricas e visuais também, tendo em vista que o cenário visual de Colares não é o mesmo de 40 anos atrás, hoje a cidade conta com inúmeras estatuetas de extraterrestres que estão espalhadas pela cidade, uma geografia visual que narra os acontecimentos de 1977, pergunto a mim mesma se as crianças têm consciência do porquê dessas imagens estarem espalhadas pela cidade.

A construção de um livro com narrativas históricas do local traria isso tudo para debate dentro de sala de aula e faria com que as crianças compreendessem a realidade de sua localidade a partir de um olhar não apenas empírico, mas também histórico e científico.

Uma bela iniciativa para trabalhar esse olhar pela narrativa e imaginário popular foi tomada por uma escola da rede pública de ensino da cidade de Colares, a Escola Balãozinho Vermelho que atende crianças do 1º ao 5º ano de ensino Fundamental realizou um concurso de desenho entre seus alunos que revelou grandes habilidades artísticas entre seus participantes e a força da cultura em torno do fenômeno chupa-chupa que é frequente nos desenhos. As obras premiadas foram o fundo para o banner usado na propaganda de um projeto cultural realizado pela referida escola no município. Uma iniciativa muito eficiente para levantar questões ligadas ao contexto histórico do aluno e que deveria ser imitada pelas demais escolas do município.

Outra sugestão que julgaria relevante seria uma exposição de fotografias na escola, uma excursão organizada pela escola onde as crianças teriam a oportunidade de visitar as áreas de sua localidade onde aconteceram incidências maiores de avistamentos, fotografar e a partir da análise de imagens apontar suas percepções sobre o lugar, isso se caracteriza como o estudo do lugar, objetivando assim “identificar o próprio grupo de convívio e as relações que estabelecem com outros tempos e espaços” (BRASIL, 1997, p. 33)

A percepção de mudanças e do espaço onde vive para que assim siga as instruções do PCN de História, isso se solidifica ao observarmos um dos objetivos gerais do PCN para o ensino de História que diz que o aluno, ao longo do ensino fundamental deve “reconhecer mudanças e permanências nas vivências humanas, presentes na sua realidade e em outras comunidades, próximas ou distantes no tempo e no espaço” (BRASIL, 1997, p. 33)

São muitas as possibilidades de se trabalhar o ensino de História a partir de um olhar dinâmico e contextualizado, as fontes históricas são ricas, fotografias, jornais e narrativas são algumas das fontes que podem ser utilizadas em sala de aula, no entanto o professor que é o mediador desse conhecimento, precisa estar preparado para as indagações que surgirão e deve permitir que o aluno interaja e esclareça suas dúvidas e assim cada vez mais deseje aproximar-se do estudo da história ao invés de distanciar-se como aconteceu/acontece com muitos, inclusive comigo.

Os moradores da ilha de Colares são personagens reais de uma história que alterou a rotina de toda uma comunidade, são pessoas distintas com relatos peculiares e coerentes uns com os outros na sua coletividade, memórias e narrativas importantes e que precisam ser usadas no ensino de história nas séries iniciais em Colares, seriam excelentes auxiliares nesse processo de ensino onde a criança precisa compreender e interagir com sua comunidade, perceber as mudanças promovidas pelo tempo, mudanças que fizeram história.

Entrando em contato com essas narrativas, as crianças nessa fase escolar compreenderão o seu tempo presente por intermédio das variações ocorridas pelo tempo passado, se permitirão responder perguntas contemporâneas com base nas situações vividas por seus familiares.

Portanto, neste capítulo busquei compreender a importância das narrativas dos moradores de Colares para o processo de construção da história local e para o ensino de história nas séries iniciais e pude perceber que grande parte das propostas do PCN de história para as séries iniciais podem ser respeitadas a partir do estudo da narrativa, visto que os sujeitos narradores são personagens reais de uma história vivida no passado e que ainda marca a contemporaneidade das crianças.

Essas narrativas poderiam ser transformadas em materiais de cunho pedagógico que auxiliariam no ensino de história e trariam um novo olhar para a história local de Colares e mesmo para a região nordeste do Pará a qual também sou moradora na cidade de Vigia de Nazaré e atuo profissionalmente como docente.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou a análise do fenômeno chupa-chupa ocorrido na cidade de Colares na década de 1970, mais intenso no ano de 1977, através das narrativas de moradores e testemunhas dos eventos e a possível utilização dessas narrativas como elemento didático no ensino de história nas séries iniciais no município de Colares.

Uma abordagem sobre o uso e aproveitamento da memória e das narrativas orais dos moradores locais como documento histórico para possibilitar ao aluno uma compreensão acerca da história de sua comunidade e as mudanças ocorridas por ocasião dos fatos acontecidos durante o fenômeno.

As testemunhas, as mídias de divulgação e a população de modo geral apresentam várias leituras para as luzes que atacavam as pessoas, tem opiniões diversificadas do assunto, acredita-se em colocações que vão de piadas e sátiras e eventos religiosos como a punição de Deus, até seres extraterrestres. As narrativas são ricas em detalhes e constantes na vida dos moradores da ilha, as crianças convivem com essa realidade e chegam às escolas cheias de conhecimentos adquiridos por base no saber empírico dos pais.

Esse saber empírico, se filtrado pela escola e reagrupado com o saber histórico, possibilitaria uma relação de proximidade entre a crianças e a história de seu lugar e a partir desse ponto compreender-se como elemento pertencendo a uma comunidade com características próprias para assim, através das narrativas, perceber as mudanças ocorridas em seu tempo através de um tempo histórico vivido por seus familiares.

A narrativa poderia ser um elemento muito forte no auxílio do ensino de História nas séries iniciais no município de Colares, visto que no ensino fundamental o aluno precisa conhecer a sua história e história do lugar onde vive, utilizando a

narrativa como fonte histórica seria possível um ensino mais dinâmico e contextualizado que facilitaria a aprendizagem e aproximaria mais a criança de sua realidade para reconhecer-se como sujeito emergente de uma cultura particular que parte para um todo.

Considerando-se que a proposta central para a presente pesquisa consistiu em Investigar como o fenômeno chupa-chupa pode ser potencializado enquanto elemento da cultura para a valorização da história local e para o ensino de história nas series iniciais do Ensino Fundamental em Colares, pode-se dizer que o fenômeno chupa-chupa, em narrativas orais é um elemento extremamente forte dentro da cultura, história e do imaginário da população do referido município e é constituído de relatos que podem ser convertidos em material de cunho pedagógico a fins de dinamizar o ensino de história e assim contribuir para a valorização da história local.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENNETTE, D. L. **Em branco não sai**: um olhar semiótico sobre o jornal impresso diário. São Paulo: Codex, 2002.

BITTENCOURT, C. M. et al. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2006. 175 p. Acesso em: 04 abril 2017.

BITTENCOURT, C. M. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004. 408 p. Acesso em: 04 abril 2017.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: história, geografia. Secretaria de Educação Fundamental. ed. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2017. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=150260>>. Acesso em: 16 maio 2017.

BUENO, A. et al. **Canteiro de histórias**: textos sobre aprendizagem histórica. Especial Ebook 2017. ed. Rio de Janeiro: Laphis/Sobre Ontens, v. 1, 2017. 200 p.

FREIRE, P. A importância do ato de ler. In: FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23ª. ed. São Paulo: Cortez, 1989. p. 49.

HIPÓLIDE, M. C. **O ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental - metodologias e conceitos**. 1ª. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

KHOURY, Y. A. Entre Memória e História: A problemática do lugar. In: NORA, P. **Les lieux de mémoire**. Tradução de Yara Aun Khoury. 1993. ed. Paris: Gallimard, 1993.

MACHADO, G. M. InfoEscola Navegando e Aprendendo. **InfoEscola Navegando e Aprendendo**, 2017. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/ciencias/historia/>>. Acesso em: 12 abril 2017.

MALERBA,. **História e narrativa**: A ciência e a arte da escrita histórica. Vozes. ed. [S.I.]: Vozes, 2016. 312 p.

NASCIMENTO, S. B.; MORAIS, S. P. Práticas iconfidentes no ensino de hitória e na formação continuada de professores para os anos iniciais do ensino

fundamental. In: RIBEIRO, E. M., et al. **Formação continuada de professores: entrelaçando saberes e práticas inovadoras**. Castanhal: Gráfica UFPA, 2013. p. 178.

PRATO, O. Operação Prato. **Operação Prato: Tudo sobre o Maior Evento Ufológico Mundial**, 2017. Disponível em: <<http://operacaoprato.com/novidades/documento-inedito-comprova-militares-investigavam-luzes-e-ataques-antes-da-operacao-prato>>. Acesso em: 27 junho 2017.

SIGNIFICADOS. Significado de Ufologia. **significados.com.br**, 2017. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/ufologia/>>. Acesso em: 27 junho 2017.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed. São Paulo: Conexto, v. 2, 2009.

UFO. site Revista Ufo. **Revista Ufo**, 1997. Disponível em: <<http://www.ufo.com.br/entrevistas/os-resultados-da-operacao-prato>>. Acesso em: 27 junho 2017.

UFO. site Revista Ufo. **Revista Ufo**, 1997. ISSN Uyrangê Hollanda - Coronel rompe silêncio sobre Ufos. Disponível em: <<http://www.ufo.com.br/entrevistas/coronel-rompre-silencio-sobre-ufos//>>. Acesso em: 22 junho 2017.

UFO. site Revista Ufo. **Revista Ufo**, 2001. Disponível em: <<http://www.ufo.com.br/artigos/a-verdade-sobre-a-morte-do-coronel-uyrange-hollanda>>. Acesso em: 22 junho 2017.

URBAN, A. C.; LUPORINI, T. J. **Aprender e ensinar História nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. 1. ed. São Paulo: Cortez, v. 1, 2015. 208 p.

VIGILENGA, S. C. site Cultura Vigilenga. **culturavigilenga.com.br**, 2017. Disponível em: <<https://www.culturavigilenga.com/lendas-de-vigia>>. Acesso em: 22 agosto 2017.

FONTES DOCUMENTAIS

JORNAL O LIBERAL 1997; JORNAL O ESTADO DO PARÁ 1977

ANEXOS

Luz misteriosa apavora Viseu

LA CAUSA DO PAVOR EM VISEU

Em pequenas localidades próximas à cidade de Viseu, duas misteriosas vivências apavorantes e inexplicáveis têm sido relatadas nos últimos meses. O primeiro caso ocorreu em Vila Verde, onde se viu uma luz misteriosa que se apagou e se reacendeu várias vezes.

Se o caso é verdadeiro ou apenas uma história para explicar desastres ou catástrofes, a verdade é que a enorme quantidade de "boas e más notícias" que se desgrasou a sequência local de furtos misteriosos próximos à zona de Vila Verde.

O "caso" ocorreu em Vila Verde, para muitos que sabem contar a história, sem mais do que o "caso" de "vender de novo" que se viu no "caso" de Vila Verde, Vila Verde, Vila Verde.

Em meio a toda esta situação de "caso" de "vender de novo" que se viu no "caso" de Vila Verde, Vila Verde, Vila Verde.

Para o deputado tudo não passa de fantasia.

Além do deputado, com o mesmo.

Além do deputado, com o mesmo.

Muito estranho e discutido.

Além do deputado, com o mesmo.

Muito estranho e discutido.

Figura 4 - Luz misteriosa apavora Viseu
Fonte: JORNAL O LIBERAL, 10 de julho de 1977, p.24

Luz misteriosa ainda causa pavor em Viseu

LA CAUSA DO PAVOR EM VISEU

Em pequenas localidades próximas à cidade de Viseu, duas misteriosas vivências apavorantes e inexplicáveis têm sido relatadas nos últimos meses. O primeiro caso ocorreu em Vila Verde, onde se viu uma luz misteriosa que se apagou e se reacendeu várias vezes.

Se o caso é verdadeiro ou apenas uma história para explicar desastres ou catástrofes, a verdade é que a enorme quantidade de "boas e más notícias" que se desgrasou a sequência local de furtos misteriosos próximos à zona de Vila Verde.

O "caso" ocorreu em Vila Verde, para muitos que sabem contar a história, sem mais do que o "caso" de "vender de novo" que se viu no "caso" de Vila Verde, Vila Verde, Vila Verde.

Em meio a toda esta situação de "caso" de "vender de novo" que se viu no "caso" de Vila Verde, Vila Verde, Vila Verde.

Para o deputado tudo não passa de fantasia.

Além do deputado, com o mesmo.

Além do deputado, com o mesmo.

Muito estranho e discutido.

Além do deputado, com o mesmo.

Muito estranho e discutido.

Figura 5 - Luz Misteriosa ainda causa pavor em Viseu
Fonte: JORNAL O LIBERAL, 11 de julho de 1977, p.16

Luz dos mistérios volta aos céus do Maranhão

Notícia que causou espanto à população da capital maranhense foi divulgada, ontem, nos noticiários de televisão de São Luís, dando conta de que, na sede do município de Cajapió, a apenas 62 quilômetros da capital, "uma luz misteriosa foi vista", por praticamente toda a população. O fenômeno - uma luz intensa e não comparável a outros tipos de luz conhecidos deslocando-se em vertiginosa velocidade - foi visto também nas adjacências da Cajapió, causando medo aos moradores da sede do Município e das áreas circunvizinhas. Há questão de apenas um mês e meio, um fato idêntico foi registrado quando, segundo a imprensa maranhense, uma luz muito brilhante, surgindo repentinamente no céu, seguiu, por larga distância, um motorista que se deslocava pela estrada Pará-Maranhão. Tais notícias causaram viva impressão entre os habitantes de São Luís porque todos se recordam que, em meados de maio último, uma luz misteriosa e muito brilhante, surgindo repentinamente, provocou a morte de um homem a bordo de uma embarcação ancorada ao largo da ilha dos Caranguejos, a não muito grande distância do porto maranhense de Itaqui.

Figura 6 - Luz dos mistérios volta aos céus do Maranhão
Fonte: JORNAL O LIBERAL, 14 de julho de 1977, p.19

Luz estranha envolve agora a polícia

Agora, até a polícia maranhense já anda às voltas com os estranhos objetos voadores não-identificados que andam aparecendo às tontas sobre diversos pontos do território do Estado do Maranhão. Um desses objetos perseguiu uma viatura policial destacada para investigar o fenômeno e, segundo os soldados que compunham a guarnição da viatura da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Maranhão, teria havido, por parte do objeto voador, muito luminoso, uma tentativa de comunicação, através de sinais de luz. Os municípios de Cajapió, São Bento e Pimenteiro e toda a chamada Baixada Maranhense, têm sido contemplados com visitas dos estranhos objetos voadores. A Base Aérea do Recife já foi cientificada dos estranhos fenômenos e, através dela, o próprio Ministério da Aeronáutica. (pag. 12)

Figura 7 - Luz estranha envolve agora a polícia
Fonte: JORNAL O LIBERAL, 29 de julho de 1977, p.12

Objeto voador misterioso apavora todo o Maranhão

SÃO LUÍS — O aparecimento do objeto voador não identificado na chamada Baixada Maranhense, além de preocupar a população rural daquela área começa, também, a causar preocupação para aqueles que residem em São Luís, com a notícia de que OVNI tem aparecido em diversas partes da capital maranhense, com algumas pessoas afirmando ter visto o objeto.

O aparecimento do OVNI também começa a preocupar as autoridades do Maranhão, com a Secretaria de Segurança enviando para a baixada uma equipe, a fim de "tomar pé da situação" — e fazer um relato do clima de tensão que vive hoje a população rural da Baixada.

Diariamente, têm chegado pessoas residentes em diversos municípios da Baixada, como Cajapió, São Vicente de Ferrer, São Bento e Pinheiro, onde o objeto tem aparecido com mais frequência afirmando também ter visto o objeto. Ainda esta semana, no município de Pinheiro, o delegado local, tenente Amujacy, enviava aos seus superiores, em São Luís, a notícia de que o objeto misterioso teria tentado se comunicar, através de sinais com a patrulha volante comandada pelo delegado, no sentido de que fosse feito um relato à Secretaria de Segurança sobre o seu aparecimento.

Segundo ele, num desses locais, o motorista da camioneta que conduzia o

delegado e os soldados, notou que o veículo estava sendo seguido, tendo o objeto chegado muito próximo do carro. Com isso, o motorista apagou as luzes com o OVNI apagando também as luzes permanentes e começou a emitir sinais luminosos para, em seguida, desaparecer.

Anteontem chegava à Secretaria de Segurança Pública, o delegado do município de São Vicente de Ferrer, José de Ribamar Mendes Costa que comunicou ao diretor de segurança a presença do estranho aparelho naquele município. Segundo ele, o OVNI foi visto em cima de sua residência ele sacou do seu revólver e tentou atirar só não fazendo devido a forte luz que emitia o objeto.

Por outro lado, o prefeito de Pinheiro, Maneco Paiva enviou expediente ao comando da Aeronáutica, em São Luís, informando o aparecimento do OVNI em sua cidade, que tem deixado a população muito apreensiva e solicitando providências das autoridades federais.

O comunicado foi recebido e as autoridades da Aeronáutica, providenciaram o envio de expediente do prefeito para a Base Aérea de Recife, de onde seguiu para o Ministério da Aeronáutica, para que sejam tomadas as providências. Porém, decorridos dois dias, até agora nenhuma comunicação sobre a posição tomada pelo Ministério fora enviada a São Luís.



A luz da morte também apareceu em Marapanim

De Marapanim vem notícias de pânico entre a população, alarmada com o que os vigienses chamam de "chupa-chupa": um extranho objeto voador, com fochos de luz que

paralisam e, mais que isso, aterrorizam a população. Na Vigia, novamente se registram casos, indo o delegado do Município proceder diligências para saber o que, realmente está acontecendo no interior. (Pag. 2)

Figura 9 - A luz da morte também apareceu em Marapanim
Fonte: JORNAL O LIBERAL, 16 de outubro de 1977, p.2

APARIÇÕES E MORTES ATERRORIZAM VIGIA



Três pessoas mostram nas últimas horas na Vigia e que habitantes atíbem à irregularidade geral.



Os moradores do lugar, apavorados, procuram a polícia para se informar e para evitar os acontecimentos.



Vila de Imbituba, onde as aparições do objeto voador têm sido mais frequentes.

A variedade de acontecimentos estranhos e inesperados que vêm ocorrendo na Vigia, além dos episódios de violência que provocaram a morte de três pessoas, naquele município, durante os últimos dias, criou um clima de intensa preocupação na vida dos moradores, que têm procurado, de uma forma ou de outra, estabelecer relações entre as aparições do insólito objeto luminoso, os ataques do "bicho sugador" e os crimes bárbaros que movimentaram o lugar.

A simultaneidade dos fatos está levando os habitantes da Vigia a uma tentativa de esclarecer o que lhes escapa ao entendimento, por uma visão quase que apocalíptica do conjunto das ocorrências, na intenção de justificar o que lhes parece absurdo através dos acontecimentos cotidianos, embora extraordinários de violência comum.

SEM EXPLICAÇÃO

Tudo o que se passa por aqui o povo daquela municipalidade em vista dos dois fenômenos que se repetem frequentemente no lugar, e dos quais já se sabe haverem ocorrido em outros municípios inclusive do vizinho Estado do Maranhão, se resolve na simplicidade interpretativa de um possível parentesco para ocorrências iguais às que retardaram nas três mortes. O "bicho sugador" — que ainda não foi oitavo com seriedade por parte das instituições capazes de investigar o fenômeno apesar de todo o medo que provoca nos moradores da Vigia e das incertezas várias e testemunhas —, e o "bicho sugador", mais impalpável ainda do que o anterior, está sendo visto como pertencentes a uma mesma classe de acontecimentos, na medida em que não podem ser explicados racionalmente.

Certo é que os moradores das diversas colônias já visitadas pelos "bichos" (supremo que surge um aprofundamento de seu sentido original, quando aplicado aos fenômenos) não tiveram nem um pouco de novidade dessas aparições. As autoridades policiais do município já sentiram a necessidade de pelo menos tentar explicar os estranhos acontecimentos, não só visando a desmistificação da tranquilidade dos agricultores vigienses, como pelo próprio conteúdo de curiosidade que a mídia trouxe aos possíveis interessados na dissolução do mistério.

VIGILÂNCIA

Para tanto, seria indispensável uma vigilância ininterrupta nos "locais" — em que costumam se verificar as aparições, e a presença de pessoas que fossem mais do que simples ou curiosos, após o dar uma opinião oficial em relação aos fenômenos, no momento em que se apresentassem a observação. Todos os que tiveram contato com o bicho voador e o bicho sugador estavam, no mínimo, movidos pelo medo a observação dos fatos e não poderiam operar com liberdade — o que visam, nem mesmo descrever sem precisão o que se passou durante de seus olhos.

Acredita-se na Vigia, que os homens de observação mais detida e esclarecedora, uma vez que não dispõem a seriedade dos habitantes das colônias do município. Há testemunhas que afirmam a existência de uma compreensão por parte do bicho voador, do porco, que representa o a aproximação de um grupo numeroso de pessoas, a quando de suas aparições, e este é um dos dados mais expressivos no testemunho de quantos o viram. Este fato possivelmente dificultaria uma reunião especialmente orientada para a verificação do fenômeno, que já se fez importante, mesmo que seja com o único objetivo de obter a seriedade de quem que accede a faz para constatar que não havia ninguém no quarto escuro.

ANEXO 2 - MACHETE DO JORNAL O DIÁRIO DO PARÁ 1977

O ESTADO DO PARÁ

BELEM, QUARTA-FEIRA, 02 DE NOVEMBRO DE 1977

Em Belém dois adolescentes, Francisco e Paulo, de 15 anos, teriam visto à noite de antontem na travessa da Vileta, no bairro da Pedreira, entre as Avenidas Antonio Everdosa e Pedro Miranda, um objeto não identificado, emitindo uma luz azulada-esverdeada, provavelmente o mesmo que vem atormentando moradores de boa parte do interior parense. Mosqueiro, Vigia, Acará e Colares, por exemplo. O testemunho desses meninos não foi levado muito em crédito por quantos conversaram com eles, que estão assustados e demonstram isso quando falam sobre o assunto. Ocorre que na Travessa da Angustura, no mesmo bairro, algumas pessoas teriam visto o foco luminoso, embora não afirmem ter visto o aparelho. Esses aparecimentos estão inquietando e urge uma providência de alto escalão, no sentido de tranquilizar a população que começa a se sacudir com as informações a respeito do fato.

Disco Voador em Belém. Apareceu na Pedreira



Que objeto é esse que filtra um foco até mesmo de tão perto?



Os dois adolescentes mostram o local onde passou o aparelho

Colares foi atacada. Vítimas em Belém

Na Delegacia do Interior, através do delegado Olímpio Martins, tomou-se conhecimento, pela manhã de ontem, quando a cidade de Colares, bem como no interior do município, um objeto cilíndrico, está atacando alguns moradores, emitindo luz esverdeada. Algumas vítimas já foram encaminhadas para Belém, até o Instituto Médico Legal, a fim de que seja diagnosticado o mal. A primeira aparição de "coisa" ocorreu no dia 13 de outubro, sem que se tenha notícia de vítima. Já no dia seguinte, entretanto, três mulheres foram atingidas na região mamária. Foram tomadas de grande tensão nervosa e de um torpor desconhecido, como se estivessem recebendo choques elétricos constantes. Segundo o delegado Olímpio Martins, em Colares, na localidade Juparatuva, dois rapazes de 15 anos, foram atingidos pelo foco misterioso, que lhes causou, torções e sinais salientes à altura do pescoço.

No mesmo dia, e local, a mulher conhecida por Graça, esposa de um cabo da Polícia Militar, também foi atingida pela estranha luz e tom uma marca nos seios. Essas pessoas foram hospitalizadas em Colares e depois ganharam alta, sem que um relatório de seu estado clínico fosse fornecido.

No centro da cidade de Colares, uma certa dona Custódia, com febre alta e sinais no seio e no braço direito, evidenciando ter sido focalizada pela luz esverdeada, procurou atendimento médico. Ela não soube contar muitos detalhes do que havia acontecido. Logo depois foi um rapaz que surgiu com uma estória parecida, apresentando marcas salientes pelo corpo. Eles foram mandados para a cidade de Vigia.




A doméstica e os filhos somam-se aos temerosos de um ataque

Em Brasília, a visita do objeto é comum

BRASÍLIA (ANDA) - Um grande número de personalidades, e não apenas de esquerda, tem observado nos últimos meses a ocorrência de fenômenos estranhos no céu de Brasília. A descrição desse fenômeno coincide exatamente com a descrição de discos voadores projetados em fecho da luz verde. Eliana Fonseca, redatora do "Diário Brasil" relatou a experiência porque passou na casa de uma amiga em cuja residência tudo mudou à noite com naturalidade a vista do disco voador e sua luz verde. Trata-se de fenômeno estranho, já que ninguém, até agora, com exceção do autor, acusou qualquer problema. O fenômeno ocorre com mais frequência no Lago Sul, a zona residencial mais sofisticada de Brasília.

Em Mosqueiro o clima está tenso. Moradores armados

Na localidade Tapapanema, Mosqueiro, na tarde de ontem, foi tenso o clima entre os moradores, especialmente na faixa das 17 às 20 horas. Eles estavam aguardando que o tal objeto da luz esverdeada voltasse a aparecer, como ocorreu no último fim de semana. No final da tarde, eles se reuniram na casa do lavrador Benedito uma das vítimas do estranho objeto, e foram várias direções.

A respeito do assunto, nenhuma providência de cunho oficial foi tomada na área. Os moradores continuam apavorados ameaçando inclusive deixarem suas casas se a preocupação aumentar.

A "coisa" foi apelidada de "chupachups" e "perseguidor de mulheres". Os moradores sugerem que ele vem de um outro mundo, ou seja, mesmo produto de sobrenatural, indagando sobre possibilidades de que sejam homens de outro planeta, eles demonstraram desconhecer completamente a questão e esclareceram que a expressão "outro mundo" para eles, significa o além.

Agora-se que no dia de hoje, o casal Benedito e Silvia (ela gestante) terão alta do Hospital da Unidade Militar de Mosqueiro, onde foram internados logo depois de serem atingidos pelo foco esverdeado. Pouco se sabe sobre seu estado clínico, mas acredita-se que já estejam recuperados ficando afastada a possibilidade de que Silvia venha perder a criança.



Moradores vão usar armas de fogo para a defesa

Figura 11 - Múltiplas aparições do Óvnis
Fonte: JORNAL O ESTADO DO PARÁ, 02 de novembro de 1977, pg. 12

ANEXO 3 – CAPAS DAS EDIÇÕES DA REVISTA UFO QUE PUBLICARAM AS REPORTAGENS COM O CORONEL UYRANGÊ HOLLANDA



Figura 12 - Coronel rompe o silêncio

Fonte: site Revista Ufo, edição 54, outubro de 1997, in: <http://www.ufo.com.br/edicoes/ufo/ver/54>



Figura 13 - Continuação da entrevista do Coronel

Fonte: site Revista Ufo, edição 55, novembro de 1997, in: <http://www.ufo.com.br/edicoes/ufo/ver/55>



Edição 76 - janeiro de 2001

Figura 14 - A verdade sobre a morte do coronel Holanda

Fonte: site Revista Ufo, edição 76, janeiro de 2001, in: <http://www.ufo.com.br/edicoes/ufo/ver/76>



Figura 15 - Coronel Uyrangê Holanda

Fonte: site Revista Ufo, in: <http://www.ufo.com.br/artigos/a-verdade-sobre-a-morte-do-coronel-uyrange-hollanda>

ANEXO 4 - BANNER DE PROPAGANDA DO SARAU CULTURAL MONTADO COM OS DESENHOS PRODUZIDOS PELAS CRIANÇAS DA ESCOLA BALÃOZINHO VERMELHO.



Figura 16 - Banner produzido com imagens desenhadas pelas crianças
Fonte: Própria (2017)

APÊNDICE

APÊNDICE A - PESQUISA DE CAMPO PARA VERIFICAR AS NARRATIVAS DOS TRÊS SUJEITOS SELECIONADOS PARA A ENTREVISTAS

VISÃO DO ENTREVISTADO

- 1- Em sua comunidade, quando começaram os avistamentos de luzes no céu?
- 2- Em que horário isso ocorria?
- 3- Qual o seu grau de envolvimento como testemunha e/ou vítima no fenômeno chupa-chupa?
- 4- Alguém na sua família foi atingido pelas luzes?
- 5- O que sua família pensava sobre essas luzes, objetos e ataques?
- 6- Qual a sua opinião pessoal sobre o que aconteceu?
- 7- Você acredita em extraterrestre?
- 8- O que mais marcou sua vida nesse período?
- 9- Que mudanças os fatos ocorridos trouxeram para o município de Colares?
- 10- Qual o sentimento que você tem ao lembrar de tudo que passou?

**APÊNDICE B – TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS
SOBRE GRAVAÇÕES DE VOZ.**

Eu, **NEWTON DE OLIVEIRA CARDOSO**, autorizo o uso da **ENTREVISTA CEDIDA POR GRAVAÇÃO DE VOZ E O USO DE IMAGEM**, por prazo **indeterminado**, no trabalho acadêmico impresso de conclusão de Curso e nas demais formas de divulgação do trabalho da aluna Laurimar Cabral Ferreira de Souza, concluinte do curso de Pedagogia, oferecido pela Universidade Federal do Pará, campus de Castanhal, polo de Colares, **sem para isto receber qualquer contrapartida financeira dos autores do referido trabalho.**

Como prova e verdade disto, assino o referido documento.

Colares – 22 de agosto de 2017

**APÊNDICE C – TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS
SOBRE GRAVAÇÕES DE VOZ.**

Eu, **JOSÉ ILDONE FAVACHO SOEIRO** autorizo o uso da **ENTREVISTA CEDIDA POR GRAVAÇÃO DE VOZ E O USO DE IMAGEM**, por prazo **indeterminado**, no trabalho acadêmico impresso de conclusão de Curso e nas demais formas de divulgação do trabalho da aluna Laurimar Cabral Ferreira de Souza, concluinte do curso de Pedagogia, oferecido pela Universidade Federal do Pará, campus de Castanhal, polo de Colares, **sem para isto receber qualquer contrapartida financeira dos autores do referido trabalho.**

Como prova e verdade disto, assino o referido documento.

Colares – 22 de agosto de 2017

APÊNDICE D – TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE GRAVAÇÕES DE VOZ.

Eu, **OSMERINA DA CONCEIÇÃO LEAL**, autorizo o uso da **ENTREVISTA CEDIDA POR GRAVAÇÃO DE VOZ E O USO DE IMAGEM**, por prazo **indeterminado**, no trabalho acadêmico impresso de conclusão de Curso e nas demais formas de divulgação do trabalho da aluna Laurimar Cabral Ferreira de Souza, concluinte do curso de Pedagogia, oferecido pela Universidade Federal do Pará, campus de Castanhal, polo de Colares, **sem para isto receber qualquer contrapartida financeira dos autores do referido trabalho.**

Como prova e verdade disto, assino o referido documento.

Colares – 22 de agosto de 2017